

80 Mil Bancários Param os Bancos em 15 Estados: Aumento de Salários

Greve Geral na Guanabara de Solidariedade aos Bancários: Prazo de 72 horas aos Banqueiros

Diante da intransigência patronal, prossegue firme a greve geral dos bancários cariocas. Todos os bancos continuam fechados e a classe bancária tem dado provas de que está em condições de manter o movimento grevista até que os banqueiros atendam às suas justas reivindicações. Para isso ela está unida e organizada e conta com a solidariedade ativa de todos os trabalhadores.

Em reunião, ontem realizada, os componentes do Pacto de Unidade dos Trabalhadores do Estado da Guanabara, que já haviam hipotecado solidariedade aos bancários, resolveram dar um prazo de 72 horas ao Governo para que convença os banqueiros a atenderem as reivindicações dos grevistas. Caso contrário, paralisarão o trabalho.

É a seguinte a nota distribuída pelo Pacto de Unidade:

'O Pacto de Unidade dos Transportes do Estado da Guanabara, que congrega os trabalhadores portuários, marítimos, rodoviários, aeronautas, ferroviários, ferroviários e estivadores, em reunião hoje, firmou documento em que concede um prazo de 72 (setenta e duas) horas para que o Governo use dos meios de que dispõe no sentido de pressionar a classe patronal a atender as legítimas reivindicações dos bancários. Esgotado esse prazo, o Pacto de Unidade se reservará o direito de adotar medidas práticas de total apoio à corporação bancária, que se encontra em greve.'

A greve continua nos demais Estados — 15 ao todo. Na foto, bancários na assembleia da UNE. Na oitava página, completa reportagem sobre o movimento em todo o País.

Democracia Dos Fazendeiros de Café

EM declarações prestadas sexta-feira última na reunião da Junta Diretora do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Júlio Avelar, diretor da Carteira de Redescobertas do Banco do Brasil, revelou que já foram gastos 14 bilhões de cruzeiros no financiamento da safra cafeeira, em apenas três meses (de 1º de julho a 30 de setembro) e que até fins de mês em curso aquela cifra chegaria aos 20 bilhões de cruzeiros. No mesmo período da safra passada, tais dispêndios foram de 589 milhões e 422 mil cruzeiros. O financiamento é feito à base de 80%.

Aí está um dos principais, senão o principal, motivo, porque o governo não consegue recolher os bilhões de cruzeiros emitidos nos dias do golpe. Ai está uma resposta à inquietante pergunta acerca da elevação desvalorizada dos preços, que autoridades sábidas atribuem ao aumento do salário mínimo. Tãmanha massa de dinheiro nas mãos dos fazendeiros do café representa incontrolada pressão sobre os preços, que sobem, tornando-se inacessíveis aos assalariados, aos trabalhadores, às donas de casa. Por isso, a revelação também explica a quem se refere o programa do governo, quando afirma que é preciso sacrificar, é necessário consumir menos. Não é aos fazendeiros de café, como se vê, que podem viver à tripa fora, às custas das despesas vazias dos trabalhadores.

UNIDADE é FATOR de VITÓRIA



NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III Rio de Janeiro, semana de 27 de outubro a 2 de novembro de 1961 Nº 142

Declaração de Goiânia Lança a Frente Nacional de Libertação

Acabar Com os Trustes e o Latifúndio Para Salvar o Brasil

TEXTO NA 3ª PAG.

Leonel Brizola Denuncia Campanha Anticomunista: Manobra Golpista

A FIRMANDO que "apenas para demonstrar isenção" ordenara a constituição de uma comissão de inquérito para apurar a denúncia de "infiltração" comunista no governo do Estado do Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola, em entrevista à imprensa, declarou que dissolveu aquele organismo por ter-se manifestado a opinião pública "violentamente contrária ao prosseguimento das investigações". "Em primeiro lugar — disse o chefe do Executivo gaúcho — a comissão foi considerada uma redundância, dado que o principal acusador não concretizara a denúncia quando solicitada a fazê-lo. Em segundo lugar, porque constituída a comissão, ela representaria um precedente odioso por importar num órgão que a cabo de suas investigações teria de distribuir atestado de ideologia. Não faltou quem inquirisse a comissão, inclusive, de inconstitucional, pois feria os princípios fundamentais da liberdade de pensamento, de expressão e de associação".

acusação, asseverou Brizola: "S. Exma. Revma. emitiu uma opinião sem medida nos seus fundamentos e no seu alcance. Dom Vicente havia retornado da Europa vinte e quatro horas antes de formular a apressada denúncia. Só esse fato já revela o acodamento com que ela foi feita".

«O GLOBO» E O GOLPE

A POS afirmar que "há um plano odioso para incompatibilizar o povo gaúcho com o resto do povo brasileiro", o governador da legalidade garantiu que "promovemos a odiosa campanha os que não se conformaram com a atitude do Rio Grande do Sul impedindo que o país afundasse num período obscurantista". E continuou: "a atitude do jornal 'O Globo' é uma prova desta afirmação. Ninguém melhor que os cariocas conhece esse órgão de publicidade e sabe de sua posição golpista e de seus processos de intriga, fraude e deturpação dos fatos. Mente agora sobre o Rio Grande do Sul, com puros propósitos golpistas. Seu objetivo é dividir as forças democráticas para conseguir os seus sombrios desígnios".

UM ACODADO

SOBRE Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre e autor da



SIQUEIROS: CULPADO OU INOCENTE? Texto na 5ª página

Malinovski: URSS Esmagará Quem a Agredir Texto na 7ª página

PARANÁ: Na Luta Pela Terra a Lei é que Menos Vale Rep. de Luiz Fernando na 6ª página

III Encontro Sindical Nacional: Não Basta Aumentar Salários, é Preciso Mudar de Política Texto na 2ª página

Libertação Nacional

O POVO brasileiro saúda como um fato de enorme significação política o lançamento da Frente Nacional de Libertação, que se destina, como proclama a Declaração de Goiânia, a unir todos os patriotas e democratas brasileiros para a luta pela emancipação nacional e a verdadeira democracia em nosso país.

DESDE há muitos anos vinha-se impondo, como uma necessidade imperiosa, a estruturação de uma frente capaz de congregam todos os homens e mulheres que aspiram à independência e ao progresso de nossa pátria, ao bem-estar e à felicidade de nosso povo. Os comunistas, em particular, sempre advertiram para essa necessidade e em nenhum momento, mesmo tendo de enfrentar as piores violências, calúnias e perseguições, deixaram de dar o melhor de suas forças para que a ideia dessa unidade se convertesse em fato concreto. E com um legítimo entusiasmo, portanto, que assinalamos o lançamento da Frente Nacional de Libertação — "movimento emancipador do Brasil, aberto a todos os patriotas mobilizados para a luta comum do seu engrandecimento".

A DECLARAÇÃO de Goiânia lança as bases de uma ampla e sólida frente única nacionalista e democrática. Denuncia com clareza os principais fatores responsáveis pelo nosso atraso e pela miséria das grandes massas: a espoliação a que nos submetem os monopólios estrangeiros, principalmente norte-americanos, a existência do latifúndio, a brutal exploração dos trabalhadores e o predomínio político das forças reacionárias, que se opõem por todos os meios às indispensáveis mudanças de estru-

tura, até mesmo dizendo hipocritamente que as apóiam para, na verdade, como esclarea a Declaração de Goiânia, "escamoteá-las e desfigurá-las, admitindo-as como simples expediente para anestesiar as legítimas aspirações nacionais". E, apontando as causas fundamentais dos sofrimentos em que se debate o povo brasileiro, salienta a urgência das soluções que poderão libertar-nos desse estado de coisas: o estancamento do saque imperialista, a reforma agrária, a instauração de uma legalidade autêntica que assegure o pronunciamento das grandes massas e o confisco das fortunas ilícitas.

ESSA, como se vê, não é nem poderia ser a luta de um grupo, de uma tendência, de um partido, de uma parte do povo. Mas é e terá de ser, ao contrário, a luta de todos os patriotas sinceros, por cima de quaisquer divergências particulares ou de pontos-de-vista em relação a outros problemas. É a luta pelos interesses da pátria e do povo, por um programa que possa conduzir, verdadeiramente, à salvação nacional. Nesse sentido diz com muita justeza a Declaração de Goiânia: "A união do povo em torno de sua bandeira, hoje aqui desfraldada, é de importância fundamental para os destinos deste país".

CONTRA essa união só poderão estar os traidores do Brasil e de seu povo, os agentes do imperialismo e os beneficiários do latifúndio, os golpistas inconformados com o avanço dos anseios de libertação e de progresso que pulsam hoje, com uma força incoercível, no coração de milhões de brasileiros. A Declaração de Goiânia denuncia vigorosamente essas forças obscurantistas que,

ante a complacência do próprio governo, insistem em suas criminosas maquinações contra o povo.

A UNIAO das forças patrióticas e progressistas, que vai desde a classe operária aos industriais, e a cujo serviço se colocam homens públicos como Leonel Brizola, Mauro Borges, Miguel Arraes, Barbosa Lima Sobrinho e muitos outros, será tanto mais compacta e fecunda quanto mais decisiva e atuante for a participação que nela tiverem as massas fundamentais de nosso povo, particularmente os operários, os camponeses e a juventude. Essa presença dos trabalhadores, profunda e combativa, é que lhe dará a força e a consistência imprescindíveis para enfrentar e vencer os seus adversários, para converter em realidade as suas palavras-de-ordem, para assegurar em 1962 a eleição de uma poderosa bancada parlamentar nacionalista, para conduzir ao triunfo, enfim, as suas bandeiras de luta. Inicialmente como o vitorioso III Encontro Sindical Nacional e o próximo Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, cujas reivindicações coincidem no fundamental com as exigências contidas na Declaração de Goiânia, indteam o grau de amadurecimento político dos trabalhadores e o papel decisivo que lhes está naturalmente destinado nas fileiras da Frente Nacional de Libertação. Os trabalhadores saberão encontrar, sem dúvida, as formas mais adequadas de organizar-se, na cidade e no campo, com a maior amplitude e sem perda de tempo, a fim de garantir ao movimento nacionalista e democrático — que ganha agora enorme impulso, com a criação da FNL — o apoio de massas que o tornará invencível.

Encontro Sindical Proclama: Não Basta Aumentar Salários é Preciso Mudar a Política

Cerca de mil representantes dos trabalhadores de todos os Estados estiveram reunidos na Guanabara, de 20 a 22 de outubro, no III Encontro Sindical Nacional. Nesse importantíssimo encontro foram examinados os problemas dos trabalhadores e do país, sendo aprovado um amplo programa de luta.

INDEPENDÊNCIA
Rompendo completamente o cerco estreito da luta pelas reivindicações estritamente salariais e profissionais, os líderes sindicais, nesse III Encontro, afirmaram-se senhores da convicção de que a solução dos problemas específicos dos trabalhadores está na dependência da solução dos problemas de ordem política, econômica e social do país. Afirmando-se como força independente, o movimento sindical examinou a situação política, econômica e social nacional, tirou suas próprias conclusões e atualizou o seu programa de luta.

SITUAÇÃO POLITICA
No item sobre a situação política e a posição do movimento sindical, os delegados analisaram a conduta dos trabalhadores, incluindo os intelectuais da imprensa, do rádio e da televisão, na última crise político-militar, na qual os golpistas sofreram um rude golpe. Saudaram as greves políticas que se desencadearam em todo o território nacional, entre as quais a dos marítimos, ferroviários, portuários, estivadores e industriários, em defesa da legalidade. Aplaudiram a conduta dos governadores Leonel Brizola e Mauro Borges, do povo e da maioria da Força Armada na luta contra os golpistas que pretenderam liquidar as liberdades sindicais e democráticas no país, numa tentativa para perpetuar o

sistema de exploração que infelicitou o nosso povo e os trabalhadores, e condenaram a atitude de alguns dirigentes de confederações, federações e sindicatos de trabalhadores, que se colocaram ao lado dos golpistas.

CAUSAS DA CRISE
Reafirmando que não creem em paliativos, e criticando o programa do atual Governo — nascido de uma conciliação — e prós a tantas imposições — que não prevê a ação e os meios necessários para realizar as reformas de base reclamadas pelos trabalhadores, os líderes sindicais concluíram: «Não se pode mais pretender esconder as causas da crise por que atravessa o país. As crises econômicas e políticas — afirma a resolução do encontro — continuarão a suceder, enquanto não forem removidas suas verdadeiras causas, que estão na estrutura arcaica e feudal em que se assenta nossa economia.» A resolução termina com um chamado aos trabalhadores para que unam as suas forças e participem ativamente do amplo movimento democrático e patriótico, com outras camadas, sociais, aglutinando os elementos e organizações que derrotaram os golpistas no vitorioso movimento pela legalidade, para as reformas de base — reforma agrária, expansão de uma indústria verdadeiramente nacional, limitação da remessa de lucros para o exterior,

política externa independente e de paz enfim, por um programa de emancipação e progresso nacional.»

SITUAÇÃO ECONOMICA
No 3º ponto da ordem do dia, foi apresentado um projeto de resolução pelo Conselho de São Paulo, onde é feito um minucioso exame da relação entre salário e custo de vida no país. Também nesse ponto, os líderes sindicais não se limitaram a conclusões superficiais, nem a solicitar migalhas salariais para solução dos seus problemas.

Depois de salientar que o processo inflacionário no Brasil, iniciado há quase três décadas, tem se agravado de maneira galopante, nos últimos três anos, quando o custo de vida se elevou de 170%, em consequência de uma política econômica subordinação à exigência do Fundo Monetário Internacional, a resolução concluiu que não se deve enfrentar a questão combatendo somente as suas consequências. Ao invés de combater os efeitos, cita a resolução, devem-se atacar as causas básicas. Dentre estas, que estão a exigir um ataque imediato, pronto e decidido, pode apontar, justamente, as deficiências estruturais da economia nacional, que se localizam em três setores fundamentais, quais sejam: estrutura agrária, estrutura tributária e estrutura do comércio exterior. Nesse sentido, consideraram os líderes

sindicais, que o país está diante de uma encruzilhada: «ou tomamos o caminho escuro da estagnação, preconizado pelo FMI, ou tomamos o caminho claro e aberto do desenvolvimento integral, que exige a derrubada das barreiras que impedem o pleno escoamento da riqueza nacional. Devemos chamar a atenção dos nossos governantes para que tomem o rumo certo. Esta, pois, vem sendo a preocupação do Governo está preocupado muito mais com os seus próprios problemas do que com os problemas do povo, e nisso poderá estar sua própria ruína. Indispensável se torna que, até por uma questão de sobrevivência, o Governo cuide mais dos problemas do povo e trate de romper as mencionadas barreiras que impedem o desenvolvimento econômico da economia nacional, pois estará assim resolvendo também as suas próprias dificuldades políticas e administrativas.»

O documento concluiu clamando os trabalhadores a luta, por outro lado, pelo reajustamento dos salários profissionais, pela conquista do Abono de Natal, pela escala móvel de salários, pela instituição do salário-família, pela prorrogação da Lei do Inquilinato.

PLANO DE TRABALHO
Depois de amplamente debatidos os pontos da ordem do dia e aprovados os projetos de resolução apresentados pelas bancadas cariocas e paulistas, sobre a situação política e a situação econômica, respectivamente, os delegados aprovaram um plano de trabalho, incluindo, entre outras, as seguintes recomendações:

- 1) Estudo das resoluções do Encontro em todas as organizações sindicais;
- 2) divulgação de suas resoluções por todas as formas possíveis: palestras, comícios, jornais, rádio, etc.;
- 3) encaminharem as resoluções aos parlamentares, através de audiência;
- 4) pressionar as direções das Confederações para que lutem pelas pretensões dos trabalhadores;
- 5) orientar politicamente os trabalhadores para que só votem nos candidatos que se comprometam a defender as reivindicações do movimento sindical;
- 6) criar a organização nacional sindical de tipo horizontal, para coordenar e dirigir a luta pelos direitos e reivindicações da classe operária;
- 7) realizar o IV Congresso

Sindical Nacional em abril de 1962;

ENSOR ASCENDINO EXPULSO DO SINDICATO

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara resolveu, em assembleia geral realizada a 19 de outubro, expulsar do seu quadro de filiados o ex-jornalista Ascendino Leite, censor da imprensa no governo Carlos Lacerda.

O Sindicato adotou esta medida depois de um minucioso estudo da atuação do Sr. Ascendino Leite como censor, particularmente durante a recente crise política. Naquela ocasião, o referido censor foi o executor fiel e acobertado das ordens arbitrárias de Lacerda contra jornais cariocas.

A comissão designada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais, arrolando fatos e testemunhos incontestáveis, chegou a conclusão de que o censor de Lacerda agira como maldito, dogma, má fé, quer nos atos relacionados com a censura, quer no episódio referente à obtenção do texto do manifesto proibido (o manifesto do marechal Lott contra o golpe e pela posse de Getúlio) e ainda nas publicações injuriosas e perniciosas que fez, tentando desacreditar o Sindicato.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais adotou a medida saneadora da organização dos trabalhadores da imprensa pela quase unanimidade de votos na assembleia geral, com apenas três ausências, sem nenhum voto contra.

O censor policial Ascendino Leite ficou assim reduzido à condição de funcionário do departamento de segurança do governo de Lacerda, lugar digno de um indigno.

LEGALIDADE DOS COMUNISTAS É EXIGÊNCIA DEMOCRÁTICA

Numerosas e destacadas personalidades do mundo político de Pernambuco pronunciaram-se, em vibrante manifestação, a favor da legalização do Partido Comunista Brasileiro. É o seguinte o importante documento:

«Reafirmando suas anteriores manifestações em favor da possibilidade da legalização do Partido Comunista Brasileiro, neste momento em que se impõe, com a instituição do regime parlamentarista, a participação de representantes de todas as correntes políticas do país no Congresso Nacional, assembleias estaduais e câmaras municipais, os líderes partidários e cidadãos que subscrevem a presente mensagem, vêm de público, manifestar o seu absoluto apoio ao movimento pela legalização da corrente comunista, assegurando-se o seu registro como agremiação partidária de âmbito nacional.

«Sem que a presente manifestação importe, para alguns dos seus subscretores, em identidade ideológica ou programática com os comunistas, constitui, um ato público que se impõe, na hora presente, em que todos buscamos soluções adequadas para os problemas estruturais do país, não se compreendendo a permanência de restrições de ordem primária a tão considerável parcela de eleitorado, cuja contribuição decisiva em novas lutas democráticas é de justiça reconhecer.

«Na grande e lúbrica campanha pela defesa do patrimônio nacional, do petróleo e das riquezas minerais, contra o espoliação pelos trustes, a remessa e espoliação dos lucros, a elevação do custo de vida, pelas reivindicações operárias e estudantis, pela redução dos trabalhadores do campo, pelo desenvolvimento industrial e econômico do Brasil e sua posição de dependência em relação às demais nações, superando divergências ideológicas e partidárias, há que se assumam posições e incômodas posições de vanguarda, arastando os impactos diretos e imediatos dos agentes da reação, foram os comunistas, tantas vezes, corajosos e decididos aliados nos combates pela reafirmação e vitória das ideias democráticas. Sua presença, ultimamente, em todos os atos da nossa vida política não se pode ignorar ou subestimar.

«Torna-se, portanto, inadmissível em odiosa discriminação que vem privando a tão apreciável contingente de eleitorado brasileiro do direito de defender publicamente o seu programa partidário e de se fazer representar nos mandatos eletivos, o que vem constituindo um verdadeiro atentado à liberdade de arrematação política — atributo inseparável do regime democrático.

Recife, outubro de 1961.
Barro Barreto — Presidente Regional do P. S. T., Newton Carneiro de Moraes — Presidente Regional do P. S. B.; João Roma — Secretário do Diretório Regional do P.S.D.; Polidônio Silveira — Vice-Governador do Diretório Regional do P. S. B.; Artur Lima Cavalcanti — Vice-Prefeito do Recife.
Deputados: Cunha Primo, Alcides Teixeira, Wilson Santana, Edson Cantarelli, Otávio Goncalo, Odvio Duarte, Inácio Valdear, Inácio Lima, Antônio Neves, Paulo Maciel, Almani Sampaio, Emílio Cavalcanti, Severino Maria, Otávio Correa e Carlos Luiz de Andrade.
Veradores: Antônio Moury Fernandes, José Magalhães Melo, Miguel Batista, Eriberto Gueiros, Sérgio Xavier, Liberto Costa Júnior, Newton Carneiro, Carlos José Duarte e Hisebeto de Queiroz Campos.»

Os Marítimos e o V Congresso

Sebastião Luiz dos Santos, da Diretoria do Sind. Nac. dos Taifeiros

Representantes dos trabalhadores de todos os países reuniram-se em Moscou, de 1 a 16 de dezembro próximo, no V Congresso Sindical Mundial. Os marítimos, portuários, estivadores, operários navais e categorias anexas não poderão estar ausentes de tão importante acontecimento.

Como nos do sistema socialista. Nos países chamados subdesenvolvidos, onde os trabalhadores são vítimas de maior e mais brutal exploração, mais significativas foram as mudanças verificadas.

Deveremos compreender a importância de uma representação brasileira no V Congresso Sindical Mundial. Temos responsabilidades sérias e inestimáveis nos acontecimentos que se processam no mundo. Devemos nos lembrar que temos uma esquadra de aviadores no Congo, que um contingente militar brasileiro encontra-se em Gasa, e que participamos da comissão de inquirição que investiga o assassinato de Patrício Lumumba. São alguns fatos que demonstram a participação do Brasil nos acontecimentos internacionais, e que revelam o significado que pode ter a participação de uma autêntica delegação de trabalhadores brasileiros, num Congresso em que se reúnem os líderes do movimento sindical de todos os países, em busca de um caminho comum para a conquista de melhores condições de vida, para a me-

lhoria das condições de trabalho, pela garantia de pleno emprego, pela emancipação social dos trabalhadores, pela garantia da paz no mundo.

PREVIDENCIARIOS: NOVOS DIRIGENTES
A nova diretoria da União dos Previdenciários, composta de conhecidos líderes da classe, já iniciou a luta pela aprovação do Plano de Classificação dos servidores dos IAPs, pela efetivação dos interinos e servidores contratados, pelo amparo aos servidores de verbas, pela transformação da União dos Previdenciários em Sindicato, etc. A nova diretoria é composta dos srs. Alfredo de França Junior (IAPM), Luis Antônio Alves Soares (IAPC), Isnard Manso Vieira (IAPB), Waldir José Vieira (IAPFESP) e Domingos Ubaldo L. Ribeiro Filho (IAPI).

Centenas de Delegados no Congresso de Lavradores

O senhor Lyndolpho Silva, presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), informou nos que os preparativos do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores que se realizará em Belo Horizonte, nos dias 15, 16 e 17 de novembro, continuam a ritmo cada vez mais intenso. Disse, ainda, que acabava de regressar de Brasília onde, juntamente com o deputado Hernani Maia e o senhor João Alexandre, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Minérios de Minas Gerais, como integrantes da Comissão Organizadora do Congresso, foram convidar o presidente da República, dr. João Goulart, e o primeiro-ministro, dr. Tancredo Neves, para, respectivamente, presidirem os atos de abertura e encerramento da mencionada reunião. Foram convidados os ministros da Agricultura, da Guerra, do Trabalho, além dos deputados federais e senadores.

camponeses também lutam

para efetivar suas aspirações e direitos. Assim, vem acontecendo no Estado do Rio de Janeiro, Paraná, Paraíba, São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e muitos outros Estados.

FERROVIÁRIOS DE CONSELHEIRO LAFAIETE: REIVINDICAÇÕES

Os ferroviários de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, realizaram importante assembleia dia 17 de outubro, na sede da Liga Proletária dos Operários, debatendo questões de grande interesse, tais como: aumento salarial de 50%; acabar com o desconto de Cr\$ 2.500,00 da RFF e devolução das importâncias já descontadas, enquadramento definitivo dentro de 5 meses, remessa do quadro do pessoal ex-deputado ao DASP para exame e publicação; urgência na elaboração do quadro para o pessoal CLT na RFF igual ao quadro da Leopoldina ou Santos-Jundiaí; indicação do nome do engenheiro William Paulo Maciel para a vice-presidência da RFF/SAA.

IV — OS TRABALHADORES DOS PAISES SOCIALISTAS, CONSTRUTORES DE UM MUNDO NOVO.

59. — Trabalhadores livres donos de seus destinos artífices de sua felicidade, ergiram sobre a quarta parte da superfície do globo, o magnífico edifício do regime social mais justo do mundo. O sistema socialista mundial mostrou ao mundo as imensas possibilidades que o socialismo abre a todas as pessoas laboriosas. Mostra de maneira convincente que milhões podem, por fim, viver felizes e livres, sem capitalistas, sem grandes latifundiários e sem banqueiros. No conjunto do sistema socialista, aboliu-se para sempre (ou se está a caminho de fazê-lo) a exploração do homem pelo homem. Os êxitos do socialismo, como um potente farol, iluminam aos trabalhadores de todos os países o caminho de um futuro feliz.
60. — Num prazo historicamente curto, a classe operária da União Soviética, da China Popular, e de outros países socialistas construíram novas cidades, inumeráveis fábricas, minas, centrais elétricas, ferrovias e criaram modernos aparelhos e máquinas, que facilitam o trabalho humano e melhoraram as condições de vida de toda a sociedade. A realização triunfal da política de industrialização socialista conduziu a economia desses países a um desenvolvimento harmonioso, a elevação do bem-estar das massas trabalhadoras, ao florescimento da personalidade humana.
61. — A economia nacional dos países do sistema socialista se desenvolve com gigantesco progresso. O volume da produção industrial da URSS aumentou 40 vezes em relação ao período precedente à Revolução de Outubro. A União Soviética conseguiu êxitos enormes no terreno do desenvolvimento científico e na formação de quadros especializados. Encontra-se na vanguarda do progresso científico e técnico mundial. Um homem soviético, o cosmonauta Yuri Gagarin, realizou pela primeira vez na História, o voo ao espaço. Iniciou-se, no universo, a era dos novos descobrimentos. Este grande triunfo da inteligência humana constitui, ao mesmo tempo, uma grande vitória do novo regime social.
- A classe operária da República Popular da China conseguiu admiráveis vitórias. Em 1960, a produção industrial da China era já 14 vezes mais importante que em 1949. Os novos de outros países do campo socialista conseguem enormes êxitos.
62. — Na colaboração estreita e fraternal sobre a base de uma planificação razoável, que permite a utilização mais racional dos recursos socialistas e das riquezas naturais, os novos do países socialistas trabalham com êxito para superar, no mais breve prazo, o sistema capitalista, no que concerne ao volume absoluto da produção industrial e

Programa de Ação Social

63. — As grandes vitórias dos países do socialismo, o aumento constante do nível de vida material e cultural de suas populações, são um testemunho flagrante das vantagens essenciais do socialismo em relação ao capitalismo.
- O socialismo criou novas relações entre os homens, relações baseadas na liberdade, igualdade e apoio mútuo. Abriu amplas perspectivas na luta pela felicidade dos homens, pelo máximo aprimoramento de suas condições de vida, materiais e espirituais, pelo florescimento de todas as capacidades e inteligências do homem.
64. — No transcurso do desenvolvimento dos Estados Socialistas, a consciência da classe operária cresce sem cessar e se manifesta por uma nova atitude ante o trabalho, na emulação socialista. Os operários compreendem que trabalham para eles próprios, no bem de todo o povo. As condições do socialismo, a iniciativa criadora do trabalho da classe operária e as felizes perspectivas de seu porvir, os inspiram e permitem-lhes superar as dificuldades que surgem na criação da nova sociedade. O constante crescimento da Renda Nacional, a elevação do salário real dos operários e empregados, a liquidação do desemprego, o aumento da circulação de mercadorias e da capacidade de compra da população, demonstram a elevação do nível de vida dos povos dos Países Socialistas.
65. — Além de sua remuneração em espécie, os trabalhadores recebem diversos pagamentos outros, facilidades e vantagens, como, por exemplo, a assistência médica gratuita, pensões e aposentadorias, subsídios por incapacidade temporária de trabalho, instrução gratuita, compreendendo, inclusive, o ensino superior, distribuição de bolsas aos estudantes. Os sindicatos dispõem de um grande número de casas de repouso e de férias. A redução do tempo de trabalho se efetua nos países socialistas em diminuição dos salários, sendo ao contrário, acompanhada de aumento dos mesmos.
66. — As subvenções do Estado para a saúde e instrução pública, para as necessidades sociais e culturais, aumentam. A construção de moradias se desenvolve em escala sem precedentes nestes últimos anos, em todos os países socialistas. Apenas no curso do último período, milhões

- de operários instalaram-se em residências novas e modernas. Nos países socialistas, os aluguéis são os mais baixos do mundo e se abrem créditos importantes para construções escolares e sanitárias, estabelecimentos para a infância, teatros, cantinas (pequenos magazines) e estádios esportivos.
67. — Na URSS, durante os anos do plano setenal (1959-1965), os rendimentos reais dos operários e empregados, assim como os dos camponeses, aumentaram em 40% por pessoa e a Renda Nacional de 60 a 63%. Em 1960, concluiu-se a passagem de todos os operários e empregados para a jornada de trabalho de sete e de seis horas. Tal redução do tempo de trabalho foi seguida de um aumento sensível dos salários para um grande número de trabalhadores. Na atualidade, a média semanal de trabalho na URSS é de 39,4 horas.
68. — Para os próximos anos, está prevista uma redução da jornada de trabalho. A partir de 1964, se introduzirá a semana de trabalho de 30 a 35 horas. Começou-se a suprimir a cobrança de impostos dos operários e empregados. O país realiza um programa sem precedentes de construção de moradias financiadas pelo Estado. A União Soviética ocupa o primeiro lugar pelo número de moradias construídas para cada mil habitantes. Obtem-se enormes êxitos no desenvolvimento da instrução pública, 39% dos operários têm uma instrução média ou superior. Todos os países do sistema socialista avançam por este caminho.
69. — Na etapa atual do desenvolvimento do sistema socialista mundial, aumentou também a organização da classe operária. Em todos os países socialistas, os sindicatos são as organizações mais amplas das massas trabalhadoras e funcionam sobre a base de uma ampla democracia. Participam ativamente da direção da produção.
70. — Os sindicatos tomam parte na elaboração dos planos de desenvolvimento da economia nacional. Intervêm nos organismos de Estado e nas instituições sociais, em nome dos operários e empregados, a respeito de todos os problemas de trabalho, da vida quotidiana e da cultura. As leis concernentes a todos estes problemas são elaboradas com a participação dos sindicatos.
71. — Os Sindicatos administram os seguros sociais e têm uma influência decisiva sobre a legislação do trabalho.

Apresentam projetos de leis relativas às condições de trabalho e de vida dos operários e empregados, e cuidam de sua execução; contraíam as condições sanitárias e de segurança de trabalho. Os sindicatos têm papel decisivo na solução dos litígios de trabalho. Para cumprimento destas tarefas, dispõem dos mais amplos direitos e garantias, particularmente nos locais de trabalho. Levam a cabo um grande trabalho educativo, ocupam-se da elevação do nível cultural e técnico dos trabalhadores. Para realizar estes objetivos, os sindicatos dispõem de uma ampla rede de estabelecimentos culturais.

72. — Em nenhuma parte do mundo, os sindicatos têm tantos direitos na sociedade, e nem liberdades em suas atividades e responsabilidades, como nos países socialistas.
- A medida que se desenvolve a sociedade socialista, os direitos dos sindicatos se ampliam constantemente, protegidos pela lei, e são parte integrante da democracia socialista. Sua influência em todos os terrenos da vida social se amplia sem cessar.
73. — Os sindicatos dos países socialistas contribuem com todos os meios de que dispõem o fortalecimento da unidade do movimento sindical, desenvolvem constantemente seus veículos internacionais com os sindicatos de outros países e levam a cabo uma luta ativa pela paz e a amizade entre os povos, contra o imperialismo e o colonialismo.
- Cada vitória dos trabalhadores dos países socialistas é um novo golpe assentado contra o imperialismo, uma nova contribuição ao fortalecimento da paz no mundo e uma ajuda valiosa para a classe operária mundial.
74. — Edificando um novo regime social, os trabalhadores dos países socialistas cumprem seu dever internacional para com a classe operária mundial. Suas vitórias atestam a superioridade incontestável do socialismo sobre o capitalismo, exercem uma influência profunda sobre o desenvolvimento do movimento operário nos países capitalistas, contribuem para o fortalecimento das posições das organizações sindicais, facilitam a luta dos trabalhadores e dos sindicatos dos países capitalistas, coloniais, dependentes e recentemente libertados, por suas reivindicações sociais e econômicas, pela independência nacional e por uma paz duradoura.
75. — O valor do exemplo dos países socialistas estimulam e mobiliza os oprimidos e os explorados, em seu combate por uma vida nova, pela liquidação da exploração e da miséria sobre a terra. Por sua vez, a luta unida dos trabalhadores de todos os países contra o imperialismo traz um valioso apoio aos trabalhadores dos países socialistas.

Interesse Mútuo no Estreitamento Das Relações Brasil-URSS

Teoria e Prática
Espólio de Carvalho

O Marxismo-Leninismo, Arma de Luta de Classe e Bandeira do Progresso Social

I. Glabin

Sob o título "No Interesse da Paz e da Amizade", o jornal soviético "Literaturnaya Gazeta", de Moscou, publicou, em sua edição de 26 de setembro passado, um artigo de A. Glabin — "no qual estava contido o ponto-de-vista pessoal do autor sobre alguns aspectos da vida política do Brasil, naquela época". Diz A. Glabin: "Agora é necessário olhar não para o passado, mas para o futuro".

É o seguinte o artigo de A. Glabin: No início deste mês, o Brasil comemora solenemente o 139º aniversário da proclamação de sua independência. Há dias, o país festejou outra data memorável — o décimo quinto aniversário de sua "instituição". O povo brasileiro viu transcorrer estas grandes datas de sua história num

momento em que uma crise, provocada pelas forças imperialistas, era superada com êxito e malogravam as tentativas dessas forças de impor seu "diktat" ao povo do Brasil. A política exterior independente do ex-presidente do Brasil, Jânio Quadros, e os energéticos esforços do governo brasileiro a fim de garantir a defesa dos interesses nacionais do país nas relações internacionais e o desenvolvimento da cooperação com todos os países do mundo, não eram do agrado dos monopólios estrangeiros, que desejavam isolar o Brasil na arena internacional e alcançar o domínio sem controle do país. Aliados à reação local, impuseram-lhe a Quadros o abandono de seu posto e empreenderam manobras mascaradas com o objetivo de impedir o vice-presidente João Goulart — substituto legal de Quadros — regressar ao país, tencionando colocar na cadeira presidencial uma criatura sua.

A réplica decidida dos círculos da opinião pública e das massas populares do Brasil e defesa e pela observância da Constituição levou ao fracasso a conspiração da reação interna e externa. A 7 de setembro do ano em curso, João Belchior Goulart assumiu o cargo de presidente dos Estados Unidos do Brasil. Enfatizando o papel das massas populares na crise recente, João Goulart declarou há dias que "o grande vitorioso foi o povo e ninguém pode privá-lo da palavra decisiva". O malogro da trama da reação demonstrou que no Brasil crescem poderosas forças capazes de defender as aspirações de seu país de prosseguir no caminho do fortalecimento da independência e da soberania nacional.

Na União Soviética é difícil encontrar alguém que não demonstre interesse pelo Brasil, admiração pelos espaços imensos de seus pampas, suas selvas tropicais e o Amazonas caudaloso que leva suas águas pelas planícies sem fim de ricas terras, cujos frutos podem alimentar toda a humani-

dade. Os soviéticos sabem que o Brasil é habitado por um povo talentoso e que ama o trabalho. Rica e multiforme é não só a natureza, como a história e a cultura do povo desse país. Os soviéticos acompanham com grande simpatia os êxitos do Brasil, e simpatizam com a luta valerosa do povo brasileiro pelo reforço do seu independente. No exemplo da vida e dos feitos do notável herói nacional do Brasil, Tiradentes, ao lado dos feitos vitoriosos de outros países e outros povos, educamos a nossa juventude.

No desejo de conhecer profundamente a vida e a cultura original do brasileiro e abnegado povo brasileiro, os soviéticos estudam com interesse a literatura do Brasil. Obras de escritores brasileiros são editadas entre nós em grandes tiragens, lançadas não somente em russo, como em lituano, estoniano, quirguiso e em outras línguas de nossa grande Estrela Soviética. Autores soviéticos muito têm escrito sobre o Brasil. Em sucessivas edições, tem aparecido uma série de livros e folhetos dedicados ao Brasil e novos livros estão em preparo.

Por sua vez, o povo brasileiro acompanha com interesse e simpatia os êxitos e conquistas dos povos do Estado soviético. Com uma satisfação enorme o cidadão soviético tomou conhecimento do imenso entusiasmo e da alegria vibrante, tipicamente brasileira, com que o povo desse país recebeu o cosmonauta soviético Yuri Gagarin, o primeiro a viajar pelo Cosmos, e da condecoração a Gagarin, por seu mérito no domínio da navegação aérea. O presidente Quadros, declarou, então, que o cosmonauta soviético abriu para a humanidade uma região inédita e limitada do conhecimento, a qual contribuirá para a melhor compreensão entre os homens e o fortalecimento da paz.

Centenas de milhares de habitantes do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades visitadas pelo mensageiro do país soviético expressaram sua solidariedade,

em calorosas recepções, a estas magníficas palavras. Recentemente, regressou do Brasil uma delegação soviética dirigida pelo secretário do Presidium do Soviete Supremo da URSS, Georgiade, que visitou países da América Latina em missão de boa-vontade. Os membros da delegação falaram sobre as inapagáveis impressões que lhes produziram os encontros com as pessoas simples do Brasil. Jamais esqueceremos, disseram os membros da delegação, com que insaciável interesse nos indagavam sobre a vida na União Soviética, sobre os êxitos de nossa economia, as conquistas no desenvolvimento da ciência e da técnica, sobre a nossa cultura, com que calor e simpatia nos recebiam em toda parte onde estivemos.

A delegação observou com grande satisfação os encontros e palestras amistosas com estadistas, personalidades e líderes políticos do Brasil.

A simpatia mútua e o desejo de um melhor conhecimento recíproco, de reforçar as relações e intensificar os contatos entre nossos países — eis, sem dúvida, uma importante base para normalizar as relações entre a União Soviética e o Brasil. E, segundo nos parece, a isto não deve ser obstáculo o desagradável episódio nas relações soviético-brasileiras, que foi o aparecimento em "Literaturnaya Gazeta" de 4 de outubro de 1947 de um artigo de L. Glabin, no qual estava contido o ponto-de-vista pessoal do autor sobre alguns aspectos da vida política do Brasil, naquela época. Agora, é necessário olhar não para o passado, mas para o futuro.

Atualmente, fundam-se entre nossos países relações normais e saudáveis. Entre os governos da União Soviética e do Brasil estabeleceu-se a compreensão mútua sobre tão importantes problemas contemporâneos como, por exemplo, a questão do desarmamento geral e completo, a necessidade de liquidação dos remanescentes do sistema colonialista. A opinião pública soviética recebeu com elevado apreço a declaração do presidente João Goulart no sen-

tido de que, na XVI sessão da Assembleia-Geral da ONU, o Brasil defendera sua política tradicional, objetivando a defesa do princípio de autodeterminação de todos os povos e a condenação da intervenção nos assuntos domésticos de outros países. Partilhamos inteiramente a declaração do presidente do Brasil sobre a necessidade de que os enormes recursos destinados atualmente à corrida armamentista, sejam utilizados para a elevação do bem-estar dos povos, para sua instrução e saúde pública, para ajudar os países subdesenvolvidos. Todos conhecem perfeitamente a luta que a União Soviética tem travado pelo desarmamento geral e completo, pela paz sem armas e sem guerras.

Estadistas e personalidades, assim como a imprensa do Brasil, se pronunciaram cada vez mais firmemente pelo desenvolvimento da colaboração com todos os países do mundo, inclusive os países do campo socialista. Em entrevista ao jornal "New York Times", o ministro do Exterior Santiago Dantas disse que as conversações sobre o restabelecimento de relações diplomáticas com a URSS prosseguirão normalmente, pois o Brasil considera necessário "ampliar as relações com outros países, independentemente de sua ideologia".

Os primeiros resultados positivos observam-se em nossas relações comerciais. Um acordo comercial mútuo vantajoso entre a URSS e o Brasil, concluído em 1959, e o lançamento das bases do restabelecimento do intercâmbio comercial normal entre nossos países são reforçados e complementados atualmente por novos acordos. Em maio de 1961, como resultado de conversações efetuadas entre organizações comerciais soviéticas e uma delegação especial de comércio do Brachefáda pelo Sr. Paulo Leão de Moura, foram dados novos passos que se destinam, na expressão do Sr. Moura, "a elevar o comércio entre a União Soviética e o Brasil a um nível que, em grau crescente, corresponda ao importante significado econômico destes dois países e às suas possibilidades eco-

nômicas de se complementarem reciprocamente". Para isso deve contribuir, em particular, o acordo sobre a criação de delegações comerciais permanentes em Moscou e no Rio de Janeiro. Uma delegação comercial soviética já se encontra no Rio de Janeiro e, com a colaboração de firmas e organizações brasileiras, trabalha em favor da ulterior ampliação de contatos e da cooperação entre nossos países.

Por seu lado, a União Soviética também se interessa sinceramente em intensificar as relações comerciais com o Brasil. Este interesse se baseia na aspiração de contribuir para o desenvolvimento econômico independente de outros países e também em nossa convicção de que o desenvolvimento das relações econômicas entre todos os países do mundo, à base de igualdade de direitos e do respeito à soberania nacional, contribuirá para o fortalecimento da colaboração internacional e o alívio da tensão internacional.

O povo soviético espera que o interesse mútuo pela normalização das relações entre nossos países é a condição para que as relações efetivamente amistosas e comerciais entre o Brasil e a URSS se desenvolvam e se reformem dia a dia. Semelhantes relações entre o grande país do socialismo triunfante e o grande país latino-americano correspondem não somente aos interesses nacionais dos povos desses dois países, mas dos povos de todos os Estados. A paz e a amizade entre o Brasil e a União Soviética contribuem para a causa da paz e da segurança de todos os povos.

(Resposta ao leitor J.L. do Estado da Paraíba)

Negar o caráter eterno da matéria, negar suas forças internas e seu movimento próprio; separar, assim, a matéria do movimento — eis a base das construções idealistas e dos mitos religiosos. Para isso, todos os meios são válidos. Fêz-se a queima de livros, na Grécia antiga e a queima de homens vivos, na Idade Média. Hoje, utilizam-se inclusive os dados e as descobertas das ciências, a fim de deturpar seu conteúdo e seu sentido real. Tudo vale, para chegar à meta visada: o combate ao materialismo — que, em nossa época, não é apenas uma interpretação avançada do mundo, como antes — mas também uma arma científica de transformação social.

Na realidade, a filosofia marxista abrange dois elementos indissociáveis: uma concepção científica do mundo — o materialismo moderno; e um método também científico de conhecimento e transformação da realidade — a dialética. Segundo a primeira, o mundo é feito de matéria em movimento; a matéria é eterna e infinita; e existe independentemente de nossa consciência. De acordo com o segundo, o mundo material acha-se em desenvolvimento incessante; esse desenvolvimento tem sua fonte em propriedades internas da matéria; e suas formas e revelações não têm fronteiras fixas nem propriedades absolutas e imutáveis. Tudo no mundo é relativo, variável com os estados da matéria, seu nível de complexidade, os escalões de sua estrutura. O homem tem todas as condições para conhecer o mundo material, descobrir e utilizar sua lei. Esse conhecimento é, porém, um avanço permanente e limitado — pois o campo de suas pesquisas é infinito, infinitamente variado e permanentemente se transforma. Daí, o caráter ao mesmo tempo grandioso e relativo dos dados das ciências naturais.

As ciências corroboram essas teses. Mostram que não há nenhuma "essência imutável das coisas", e, por isso, não se deve dar caráter absoluto aos conceitos que decorrem de descobertas parciais. E assim que o velho conceito físico de matéria, sob a forma fixa e única de substância, teve de adaptar-se às novas descobertas, segundo as quais a matéria existe sob duas formas fundamentais — a de substância e a de luz, transformáveis uma na outra. A idéia de massa constante, admitível no momento relativamente lento dos corpos celestes e terrestres, teve que coexistir com a constatação de que, nas partículas dotadas de grande velocidade, a massa cresce com seu próprio movimento. Da mesma forma, as leis do movimento mecânico deixaram de ser encaradas como leis gerais, assim como a inerência e a impenetrabilidade perderam seu antigo conceito de propriedades absolutas e imutáveis da matéria.

Por sua vez, a transformação da vida social leva as mesmas constatações. Em 60 anos, nosso século abarca já duas eras: a do imperialismo, como último estágio de domínio do capital; e, agora, a da transição do capitalismo ao socialismo. Dentro de 20 anos, numa sexta parte do mundo, uma era nova — a era do comunismo — emergirá do sono para a realidade.

As correntes idealistas deformam o sentido dessas descobertas e transformações. Utilizam a variedade de formas e de estruturas, o caráter mutável das propriedades, o conhecimento de novos campos e fronteiras — que apenas corrigem velhos conceitos limitados sobre a matéria — para insinuar uma negação da própria matéria. Contudo, maliciosamente, a constatação de que as leis anteriormente conhecidas não têm caráter absoluto — para negar também seu caráter relativo e por em dúvida a existência de toda lei objetiva. Manejam com o caráter relativo de nossos conhecimentos — para negar a possibilidade de conhecer o mundo e transformá-lo.

Ante essa posição obscurantista, o avanço das ciências — e, com elas, o avanço da sociedade humana — só é possível com apoio no materialismo moderno. O marxismo-leninismo já não é, assim, apenas a arma espiritual da classe operária, que marca o caminho libertador para o socialismo e a sociedade sem classes. É também — e cada vez mais — a ciência geral em que as ciências concretas se devem apoiar, como bandeira de luta e de progresso, para a interpretação justa de suas conquistas e a garantia, a continuidade e a perspectiva de novos avanços.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe: Fleury Borges
Gerente: Gutierrez Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco 231, 17º andar, RJ-1113 - Tel: 45-1244
Gerência: Av. Rio Branco 231, 9º andar, RJ-905
SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 13 de Novembro, 278, 15º andar - RJ-227
Tel. 33-9133
Endereço Telegráfico: NOVOSRUMOS

ASSINATURAS	
Anual	Cr\$ 500,00
Semestral	250,00
Trimestral	130,00
Número avulso	10,00
Número atrasado	18,00
ASSINATURA ARREAR:	
Anual	Cr\$ 1.500,00
Semestral	Cr\$ 800,00
Trimestral	Cr\$ 500,00
Mais	50,00

NOVO ROMANCE

Iuri Gagarin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FÁCIO
Ilustrações de MAX

Segundo a teoria das probabilidades, existem milhões de planetas, semelhantes à nossa Terra, onde há vida biológica. Ainda Giordano Bruno, eminente pensador do passado longínquo, externava a idéia sobre a existência de inumeráveis mundos habitados. Esta idéia audaz foi ampliada e apregoada pelo sábio russo Mikhail Lomonósov. Em muitos planetas, seres pensantes, têm, de certo, uma história ainda mais longa do que a dos habitantes da Terra e talvez mesmo se encontrem em mais alto nível de desenvolvimento.

Sentia-se no ar a chegada da primavera. No seio de nossa família reinava uma atmosfera primaveril: nascera-nos uma segunda filha e nós lhe demos um nome doce: Gália. Entrei no quarto, tomei-a nos braços e cancelei:

— Gália, Gália, meu orozinho...

Mas não podia embalar por muito tempo — deveria seguir para o cosmodromo. Preparávamo-nos para o último lançamento experimental de nossa nave cósmica, com animais de provas e um manequim sentado na poltrona do piloto. O cosmodromo é um vasto campo localizado à margem da estrada. É servido por pessoal qualificado, engenheiros e técnicos. Aqui são montados e preparados para lançamento poderosos foguetes e naves cósmicas. Daí eles sobem aos céus.

Mostraram-nos uma cadela de pêlo avermelhado com manchas escuras. Tomei-a nas mãos. Não pesava mais de seis quilos. Olhei-a. Ela me lambia a mão, contenta. Parecia-se muito com um cachorrinho que tínhamos em nossa aldeia e com o qual eu gostava de brincar quando menino.

— Como se chama?

— Acentua que não tinha nome ainda, pois era conhecida apenas sob o número das que passavam

por experiências. Como era possível enviar ao Cosmos um passageiro sem nome, sem passaporte? Onde se viu isto? E lhe propussem um nome. Uma dezena de nomes comuns de cachorros. Mas nenhum deles assentava bem nessa bonita cadela de pêlo avermelhado. Chamaram-me, e eu a puxei e disse:

— Então, boa viagem, Zviédotchka.

E todos concordaram: pois ela se chamaria Estrelinha. E assim por este nome ficou conhecida depois nos jornais.

Com que sentimento misto de respeito e admiração olhava eu a gigantesca máquina, semelhante a uma torre ou a uma farol, instalada no cosmodromo. Em torno dela aglomeravam-se pessoas, que pareciam muito pequenas. Observei com interesse os últimos preparativos no porta-foguetes e na nave cósmica, antes da partida. Num elevador colocaram Zviédotchka e seus acompanhantes, localizando-os numa cabina hermeticamente fechada. Experimentaram, experimentaram novamente, mais uma vez experimentaram todas as instalações. A seguir, seria dada a ordem para o lançamento.

E a cada minuto, involuntariamente eu pensava que não era Estrelinha que estavam acondicionando para o vôo, mas eu próprio, que eu já me encontrava na cabina da nave cósmica apontada para o céu. Eu me imaginava como o primeiro dos homens a voar.

— Lançar! A ordem foi rápida como um tiro. Nas chamadas que se desprendiam do tubo, no estrondo cada vez mais forte dos motores em movimento, o alto e pesado corpo do foguete multifásico elevava-se, como que contrariado, sobre a plataforma de lançamento. O foguete, como um ser vivo, que racionasse, estremeceu um pouco, de um segundo para outro desprende-se da Terra e repentinamente, de maneira imperceptível, deixando atrás de si lin-

guas de fogo, some-se do nosso campo visual, eclipsando-se literalmente, deixando no céu um rastro luminoso. Tudo transcorreu como eu havia pensado.

— E assim, Iuri, nós te acompanharemos? — disseram os camaradas.

Durante todo o dia permaneci sob a impressão do que havia presenciado. A nave já fizera a volta em torno do planeta e regressara ao ponto previsto. Os especialistas — biólogos e médicos — examinavam Zviédotchka, que suportara magnificamente o vôo. E eu imaginava naquilo que tinha acontecido diante de meus olhos e que em breve, muito em breve, deveria ocorrer com a nossa participação. E aos meus ouvidos crescia o ruído do lançamento, e diante de meus olhos adquiriam maiores proporções as altas ondas de chamas deixadas pelo foguete. Mas isto não me intimidava; ao contrário, entusiasmava-me. E recordando as palavras do alto e barbudo chefe de equipe da usina Liubertski, quando a nós aprendizes, que fugíamos do calor do forno em fusão, dizia alegremente:

— O fogo é forte, a água mais forte do que o fogo, a terra mais forte do que a água, mas o homem é mais forte do que tudo!

Ao chegar em casa, Vália me perguntou por que eu estava assim tão entusiasmado e onde em geral eu perdia tanto tempo.

— Vou dormir no Cosmos... Prepara a mala — respondeu eu, tentando pilheriar.

— Já está pronta, respondeu Vália. E eu compreendi: ela já sabia de tudo.

Deitados as crianças, jantamos e começamos então a falar seriamente. Eu lhe disse que era verdade, que o primeiro vôo do homem ao Cosmos estava à vista e que, de certo, esse vôo caberia a mim re: "vá-lo.

— Por que precisamente tu? perguntou Vália. Não ofendas assim teus amigos?

— Tentei explicar-lhe porque a escolha talvez recaísse

sobre mim. Mas Vália ficou de repente séria, e por seu olhar, pela maneira como tremeu os lábios, pela mudança de sua voz, percebi, orgulhava-se por isso, mas tinha receos e não queria inquietar-se. Durante toda a noite, sem pergarmos os olhos, conversamos, lembramos o passado, construímos planos para o futuro. Viamos diante de nós as filhas já crescidas, casadas, dando-nos netos, e a vida transcorreria diante de nós sem guerras e sem brigas, tal qual sonháramos deveria ser sob o comunismo.

E quando nada mais restava a dizer um ao outro perguntei a Vália como ela encarava a minha próxima experiência. Ela respondeu como devia responder um membro do Komsomol:

— Se confias em ti — arriscate!... Tudo correrá bem.

VII. QUARTA-FEIRA, 12 DE ABRIL

Aproxima-se a data do lançamento. A qualquer momento devíamos partir para o cosmodromo Balconur. E eu me consumia de impaciência, de maneira singular, quando a espera se tornava cada vez mais pesada. Eu sabia que a nave na qual deveria realizar o vôo tinha recebido a denominação de VOSTOK (Oriente). Certamente lhe haviam denominado assim porque é no Oriente que nasce o Sol e a luz do dia varre as trevas da noite movendo-se do Oriente.

Antes de minha partida realizou-se uma assembleia do Partido. Todos sabiam antecipadamente que eu seria chamado para o primeiro vôo. Falaram tanto os que iam ao cosmodromo como os que ficavam.

— Sabemos que será invejado, de uma inveja de amigos... Desejamos que realizes um vôo feliz... Ao voltares do Cosmos, não te vanglories, não te envaldeças, sé sempre modesto como és agora — disseram os camaradas que falaram na reunião.

Deram-me a palavra, e eu disse:

Sinto-me alegre e orgulhoso por ter sido escolhido como primeiro cosmonauta. Não pouparei forças e tentarei figurar entre os vanguardistas. Garanto a meus camaradas comunistas que não pouparei esforços nem trabalho, nem considero que alguém o faça para cumprir dignamente uma tarefa do Partido e do Governo. Na execução do próximo vôo ao Cosmos, sigo com o coração aberto e um grande desejo de levar a cabo esta tarefa, como tarefa dada a um comunista... Solidário-me com os inúmeros grupos de cientistas e operários que criaram a nave cósmica e a dedicaram ao XXII Congresso do PCUS.

A reunião foi porca em palavras e teve qualquer coisa de comício. Todos estávamos preocupados. Parecia como no tempo da guerra, quando os comunistas, sérios e comprometidos acompanhavam seus camaradas à frente de batalha.

No cosmodromo encontravam-se alguns cosmonautas. Tudo podia acontecer. Bastava um arqueiro cair no chão do primeiro candidato ao vôo no Cosmos, ou a sua temperatura aumentar de meio grau, ou o pulso acelerar em cinco batidas — e seria necessário substituí-lo por outro homem devidamente preparado. Havia outros tão aprestados para seguir como eu. A partida devia ser dada em dia e hora precisos, previstos até minutos e segundos. Ao nosso lado no cosmodromo se encontravam vários especialistas e médicos.

Pouco antes do dia marcado para o vôo, visitei Moscou. E durante todo o trajeto para o cosmodromo recordava a emoção que me arrebatava quando cheguei em frente ao Mausoléu. Era uma exigência íntima do soviético, ante um passo decisivo em sua vida, ir à Praça Vermelha, até o Kremlin, até Lenin. Pelas noites claras de junho ali passeavam, de mãos dadas, moças e rapazes que haviam recebido o teste de maturidade. Vinte anos atrás, no ano terrível de

1941, ao dirigir-se para a frente de batalha, desfilava em frente ao Mausoléu os regimentos de reserva de Moscou. De onde que viessem os soviéticos, chegando a Moscou, iam sem falta visitar a Praça Vermelha. Assim o fazem também nossos amigos do estrangeiro.

Lentamente, passei em frente aos muros do Kremlin, junto ao rio. Ao soar do carrilhão da Torre de Spasski, atravessei a Praça Vermelha. Em continência, dei-me em frente ao Mausoléu, assistindo à mudança da guarda e, ao vôo sereno dos pombos, ao farfalhar da bandeira do Estado desfraldada no cimo do palácio do Kremlin, caminhei lentamente pela cidade que não tem par em todo o mundo. Em torno o rumor da multidão, envolvida no ar da primavera. Milhares de pessoas passavam por mim. Antes de mim ninguém sabia que se preparava um grandioso acontecimento, sem igual na história. "Como se alegrará nosso povo quando o projeto se cumprir!" — pensava eu.

Naquela mesma noite voamos para o cosmodromo. Seguiu conosco Evgueni Anatólievitch, nosso comandante médico e preceptor, homem de enérgico extraordinário e de tato, que há vinte anos cuidava da saúde dos aviadores. Trabalhava conosco desde o primeiro dia e éramos para ele como filhos adotivos. Ele conhecia cada um de nós como melhor do que nós mesmos nos conhecíamos. Era agradável termos ao nosso lado no cosmodromo a Nicolai Petróvitch Kamánin, um dos primeiros heróis da União Soviética, instrutor de muitos conhecidos aviadores.

Pelas janelas do avião corriam nuvens brancas como espuma. Nas clareiras das nuvens, aparecia a terra lisa da primavera, aqui e acolá uns restos de neve. Olhando para baixo, pensava em niet, pois, em Vália, em Liénchka e Gália, imaginava o que iria fazer depois do vôo, e ali mesmo decidi: pros-

segurei meus estudos. Junto a mim estava sentado meu amigo íntimo — o cosmonauta Dois — magnífico aviador, comunista, que entrara no Partido através de nossa organização, homem de pura alegria de viver, quase infantil. Ele também olhava para a terra, lá em baixo, igualmente pensativo, pensando de certos pensamentos iguais aos meus. Um instante nossos olhares se encontraram e sorrímos, compreendendo-nos sem nos falarmos. Não se justificavam os receos daqueles que supunham que não devíamos ser advertidos antecipadamente sobre o vôo, para que não ficassemos nervosos. Tanto eu como meu camarada, que estava pronto para, em qualquer caso, ocupar o meu lugar na cabina de "Vostok", sentiamos-nos ótimamente.

O cosmonauta Dois estava junto a mim, de lado, e involuntariamente eu admirava seus traços, sua fisionomia inteligente, sua elevada estatura, sua cabeça de finos cabelos castanhos. Ele havia passado pelos mesmos treinos pelos quais eu passara e, de certo, não era menos capaz do que eu. Talvez não o tivéssemos escolhido para o primeiro vôo para reserva-lo para um segundo, mais complexo.

Já nos aguardavam no cosmodromo. Ai encontramos muitos conhecidos especialistas, assim como o construtor-chefe. Tinha vindo também o Teófilo em Cosmonauta — como entre nós chamávamos um eminente sábio soviético sob cuja direção se haviam realizado os cálculos do vôo cósmico. Estava ele sempre junto ao construtor-chefe. Eu sabia que, para esses homens não há nunca tranqüilidade. Evarão sempre em busca de coisas novas, cada vez mais audazes. Sómente a colaboração fecunda destes dois profetas da ciência soviética, dos grandes coletivos de cientistas e engenheiros, unidos por um só e temerário pensamento, podia criar a nave cósmica, determinar-lhe a rota segura em torno do planeta e seu regresso à Terra.

Continu...

Siqueiros: Culpado ou inocente?

Conto de Página

Enxada

Como Pode?

"Tenha fé na justiça", disse-me um alto funcionário do governo. E admito que em mim renasceu a esperança. Talvez a detenção do pintor David Alfaro Siqueiros, talvez seu processo, talvez sua situação de réu no Presídio Preventivo do Distrito Federal (há 14 me-

ses), talvez a interrupção de sua obra pictórica nos edifícios públicos de sua pátria, talvez tudo isso constitua um horrendo pecado, cuja democracia influncia eu deveria combater. O caminho era, portanto, o procedimento legal: uma justiça que cumprisse as

leis, rápida e prontamente, desembaraçada qualquer agravo, faria luz na mais densa das trevas. Interpuseram, então, uma defesa contra o auto de prisão formal, ante o juiz Joaquim Coimbra Cervera, do Terceiro Tribunal do Distrito em matéria penal. A sen-

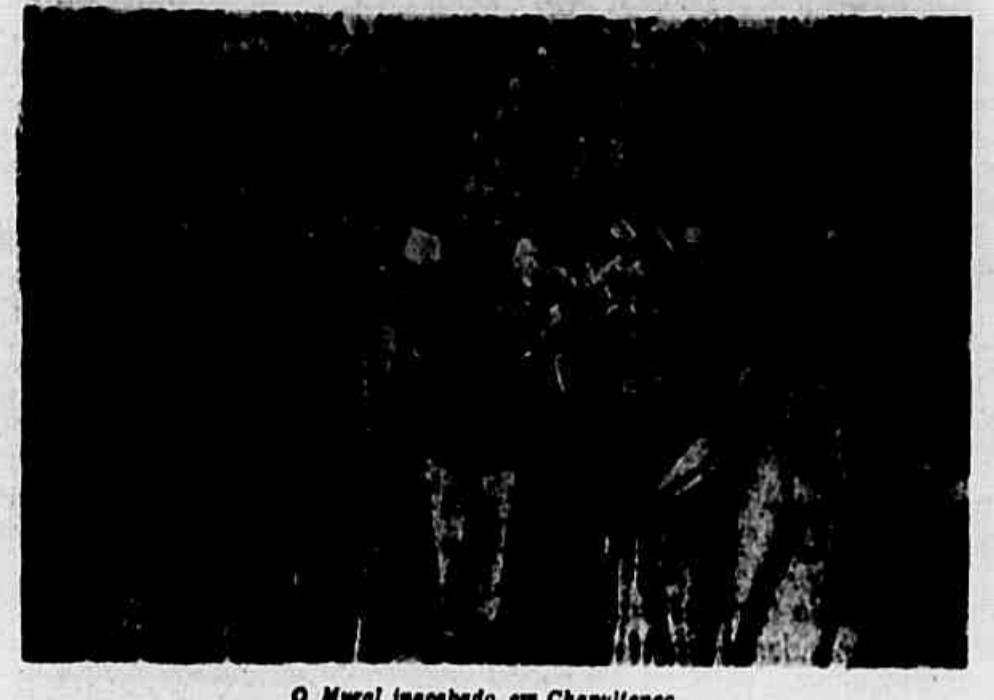
tença chegou, mas não tão rápida e prontamente como esperávamos; três meses para nós, mas 90 dias, ou seja, 216 horas, para um artista no período mais importante de sua maturidade criadora. Mas, oh asombro!, a sentença enriquecia o auto de prisão formal, agregava ao ato da conjuntura contra o pintor David Alfaro Siqueiros e o jornalista Filomeno Mata, maiores elementos de fiação, supostas declarações dos dois, que não existiam nos autos, e, contudo, convenientemente, suprimia cinco delitos menores, embora deixando de pé o trágico delito de dissolução social, mas à base de que o juiz de sua causa, dr. Salvador Martínez Rojas, o burlaria durante o ano decorrido entre a primeira acusação e a nova sentença. Em outras palavras, era preciso assegurar o fechamento do ferrolho da porta da prisão para que os "delinquentes" não tivessem acesso à liberdade.

Alinda com fé na justiça, decidimos ir adiante: apelamos contra essa infeliz sentença do Terceiro Tribunal do Distrito, ante o Tribunal Colegiado de Circuito, isto é: chegamos ao próprio âmbito da Suprema Corte, em cujos muros José Cle-

mente Orozco, colega do hoje processado pintor David Alfaro Siqueiros, plas-mou sua mais acerba crítica contra o Poder Judiciário de nosso país. Que vai acontecer? Nas mãos dos juizes desse alto tribunal está todo um processo de 100 ou 200 folhas da mais prosaica e grosseira trama imaginária. De onde saíram as acusações? De onde as instâncias processuais? Ainda que pareça assombroso, de toda uma catara de diários da vida nacional, de uma conjuntura planejada, exatamente, através de grandes manchetes nas primeiras páginas de jornais, de editoriais, de informação do tipo da lista negra, de artigos difamatórios, etc., etc. Com todos esses elementos se forjaram as provas e se determinou a natureza da acusação. Meses depois, alcançado o objetivo, fez-se silêncio. A bomba relógio havia explodido e sepultado em vida o pintor David Alfaro Siqueiros e seu companheiro, o jornalista Filomeno Mata, veteranos revolucionários nos últimos anos do porfiriato.

E, contudo, essa mesma tinta, esse mesmo papel, essas mesmas rotativas, esse mesmo pessoal, meses antes e durante anos, se ocuparam da obra artística do pintor Siqueiros, do mesmo modo que das honras que merecera fora das fronteiras de sua pátria e, mais ainda, de suas opiniões políticas externadas em defesa da mais elementar ética democrática, não só sobre o regime atual, como sobre todos os anteriores.

Julgar a culpabilidade de um homem à base de uma documentação de procedência duvidosa, de feitura torpe e até pueril, concebida dentro da particular atmosfera das empresas jornalísticas e de seus compromissos correspondentes, deve ser, não duvido, quase afrontoso para um juiz digno e probo.



O mural inacabado, em Chapultepec

TESE DO SR. DANIEL DE CARVALHO À CONFERÊNCIA DE SALVADOR:

«Livre Empresa» Dos EUA é só Para Uso Externo

SALVADOR, outubro (De José Almeida, enviado especial de NR) — Em nota anterior, analisamos que, ao lado de pontos-de- vista reacionários e entreguistas, que predominaram nas teses e resoluções aprovadas, também foram veiculadas na V Conferência Brasileira de Comércio Exterior, opiniões que coincidem com diferentes objetivos pelos quais lutam as forças nacionalistas.

Revela, ainda, a tese, baseado-se em estudo existente a respeito, que 304 empresas brasileiras concluíram contrato de licenças com firmas estrangeiras, para explorarem patentes e marcas no Brasil. Dessa relação, todavia, acham-se excluídos os contratos que outorgam o direito de uso de insignias e marcas registradas, como também as empresas estrangeiras que possuem filiais no Brasil.

Na relação de licenciadores estrangeiros referidos pela tese do sr. Amaral Osório, incluem-se 7 de bebidas alcoólicas, 2 de bijuterias, 7 de artigos para escritório e brindes comerciais, 3 de móveis e artigos, 10 de preparados para toilette, o que mostra a absurda liberalidade da legislação brasileira no que se refere às marcas e patentes, tendo em vista as dificuldades cambiais a que o país vive permanentemente sujeito.

O autor do trabalho propõe uma série de medidas dentro de uma política tecnológica a ser adotada pelo país para provar-nos do necessário "know how". Acrescentamos que, embora úteis algumas das medidas propostas não são elas o bastante para fechar essa porta de evasão das riquezas nacionais, naturalmente sem privar o país do acesso às

conquistas da técnica e da ciência estrangeiras.

PRODUTOS PRIMÁRIOS

O sr. Daniel de Carvalho é um conhecido partidário do capital estrangeiro, tendo tido destacada atuação, quando deputado, em defesa da Standard Oil, por exemplo. Além, um filho seu, que o representou na Conferência de Salvador, o sr. Fernando Mibielli de Carvalho, vice-presidente da Associação Comercial, é também, conforme assinava o próprio sr. Daniel, assistente de diretoria da Esso Brasileira de Petróleo.

NOVAS DIFICULDADES

A respeito dos obstáculos que se vêm levantando no mundo capitalista à expansão do comércio exterior do Brasil foram apresentadas várias teses. Uma delas, do professor Glaucio Veiga de Recife, é um trabalho bem elaborado, do qual nos ocuparemos em próxima edição. Do sr. Luis José Cabral de Menezes, um dos líderes do grande comércio carioca, é a tese que tem como título "O Brasil em face dos mercados europeus". Assimilando, inicialmente, que se trava na Europa uma "guerra suada" entre a própria economia europeia, que quer reforçar-se, e o dólar, que deseja dominá-la, o autor tece outras considerações e mostra que os agrupamentos econômicos europeus afetam diretamente os interesses do Brasil. Referindo-se ao Mercado Comum Europeu (ao qual acaba de aderir a Inglaterra, o que torna ainda mais precária a posição dos países subdesenvolvidos e politicamente independentes, entre os quais o Brasil), constata o sr. Cabral de Menezes: "já desde o término da última guerra não mais recuperamos o mercado europeu composto por aqueles seis países (isto é, os do Mercado Comum), nossa exportação de café foi reduzida em cerca de 50%, enquanto a da África cresceu de 250%, reduzidas, também, nossas exportações de cacau e demais produtos que concorrem com países africanos." E mais adiante: "Com o desaparecimento dos acordos bilaterais e multilaterais de comércio dentro dessa área, passou o Brasil a concorrer em inferioridade de condições, acrescentando, ainda, que o produto do intercâmbio tem caráter conversível em dólar americano".

MAIS DE 40 MILHÕES DE DÓLARES

O vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, sr. Antônio Carlos do Amaral Osório, por exemplo, apresentou uma tese sobre "Tecnologia e Desenvolvimento Econômico". No seu trabalho, o sr. Amaral Osório revela que o diagnóstico anual do país, segundo a SUMOC, com o pagamento de "royalties" e despesas de administração e assistência técnica gira em torno de 40 milhões de dólares, "com uma perspectiva de amplo crescimento a longo prazo" desde que não sejam tomadas medidas que façam frente a essa tendência. Aquela cifra, de acordo com a referida tese, não retrata toda a verdade, pois "é provável que as remessas relativas a "know how", considerando-se o mercado livre de câmbio, sejam maiores que as registradas na SUMOC".

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Be a análise fosse estendida ao mercado norte-americano, a conclusão não seria menos desfavorável ao Brasil. Onde resulta, por simples exclusão, que o comércio exterior do Brasil, objetivamente, só tem uma via franca para o seu desenvolvimento: o mercado dos países socialistas. Mas, o trabalho, lamentavelmente, foge a essa conclusão óbvia.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Hoje, peço licença para lhes falar de um poeta. Para ser mais preciso, de um poeta norte-americano, chamado Langston Hughes, que atualmente está com quase sessenta anos de idade.

Desde cedo, segundo nos conta em suas memórias, ele foi vítima dos preconceitos existentes em sua terra contra os homens de cor. Seus versos, impregnados de um saudável sentimento de revolta contra todas as formas de injustiças, são particularmente implacáveis no que se refere à luta contra a estúpida racista.

Teve uma vida aventureira e, até certo ponto, nômade, durante os anos de infância e juventude. Seus pais eram separados, de modo que teve períodos irregulares de convivência com um ou com outro. Criaram-no, primeiro, uma avó e, depois, um casal de tios.

Após uma viagem ao México, principiou o curso da Universidade de Columbia, mas interrompeu-o e começou a trabalhar como assalariado em uma fazenda e colheitor de uma casa de flores, disposto a se tornar economicamente independente do pai.

Empregou-se, a seguir, como embarcado e pôs-se a prestar serviços em barcos que o fizessem viajar por todo o mundo.

Foi porteiro de uma boate em Paris, onde também trabalhou como ajudante de cozinheiro para o restaurante "Le Grand Duc". Foi estivador de Gênova, lutou ao lado das tropas republicanas na Espanha, durante a guerra civil. Passou fome, em diversas ocasiões.

Em longo de suas aventuras, nunca deixou de escrever. Escreveu uma autobiografia intitulada "O Imenso Mar" e uma peça de teatro intitulada "Mulato", mas o forte de sua produção é constituído pelos poemas.

E, de todos os poemas de Langston Hughes, o mais famoso ("o poema que vale por um comício", no dizer de Oswaldinho Marques) é aquele em que o poeta diz (tradução nossa):

"Eu também canto a América. Sou o irmão mais escuro. És me mandam comer na cozinha quando vier visita. mas eu acho graça e como bem e me fortaleço. Amanhã, vou me sentar à mesa quando vier a visita. Ninguém ousará me dizer 'vai comer na cozinha' então. Além disso, elas verão quanta beleza há em mim e ficarão envergonhadas. Eu, também, sou América."

Juruba soy... cantando voy... e o doce voozê do rasão das Antilhas, no vamente nos entenece os corações e nos ilumina as inteligências com sua arrebata-doura poesia de partido.

Nicolas está de novo entre nós: a mesma cabeça leonina, um pouco mais prateada, os mesmos versos de ouro, agora reutilizados de síntese e vitória. Te lo prometió Martí, Fidel te lo cumplió. Se acabou.

Abordando o mesmo tema — pregos internacionais —, num trabalho sugestivamente intitulado "Produtos Industriais versus matérias-primas", o sr. Júlio Postz-scher oferece uma série de elementos estatísticos mostrando a tendência histórica à deterioração dos senti-

mentos populares, e que, ao mesmo tempo, não procure educar o povo no sentido de sua afirmação revolucionária. O poeta é, a um tempo, discípulo atento e mestre austero. E o poeta nacional de sua gente, sem que o proclamem acedemias, apenas pelo consenso popular, apenas porque sua poesia exprime, realmente, a alma do povo cubano. Mas, muito se enganaria o exegeta apressado que quisesse diminuir a sua poesia por ser popular, por procurar conformar-se, sobretudo ritmicamente, ao folclore cubano. A poesia de Guillén é o produto de um trabalho árduo e severo de elaboração artística e política, de assimilação das modalidades folclóricas, devidamente despojadas de sua ganga, à grande

tradição do castelhano. Ela é, em última análise, uma poesia de erudição verdadeira, de alta inspiração. Que raro e merecido privilégio biográfico foi dado a este nobre coração e a esta lucida inteligência, qual o de viver, e encarnar artisticamente, esta maravilhosa epopéia da atualidade que é revolução cubana. Advinha de a esperança... o poeta previu. Ah, mi banderita cubana... Fidel te lo cumplió... o para vti, e, na plena posse de sua liberdade que é a de seu povo, o poeta prevê a liberação de todas as Américas.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Os anos que passam, so fazem aceitar a consolação do poeta com o seu povo, de sorte que Nicolás Guillén é hoje, no plano da poesia, a própria voz de Cuba. Ouçamo-la.

Paraná: Batalha Pela Posse da Terra Começa Nos Confinos do Oeste

Na Luta Pela Terra o Procedimento Legal é o Que Menos Vale

Texto e fotos de Luiz Fernando
enviado especial de NR

"Exmo. Sr. Governador Fulano de Tal, abaixo-assinado, brasileiro, domiciliado em Cascavel, de profissão lavrador, vem muito respeitosamente requerer de V. Excia. 10 alqueires por compra do Estado no distrito tal, situado em tal comarca, divisando com fulano, beirano e cicrano, neste município.

Nestes termos, pede deferimento.

A LONGA ESPERA

Assim requereu Joaquim Nogueira, recebendo um papelucho timbrado da secretaria do Estado do Paraná, onde estão anotados o número do protocolo — 8.531 — e a data de entrada na repartição — 13 de junho de 1951. Também assim encaminhou seu pedido Iracema Josephi — protocolo número 13.644, de 12 de agosto de 1952, no Departamento de Geografia, Terras e Colonização —, do mesmo modo que milhares dos 12.000 posseiros de Cascavel, entre os 41.000 da região oeste do Paraná.

A quase totalidade dos posseiros instalados na região ocupa as terras há mais de dez anos, rolando e sumindo seus papéis pelos inúmeros e intrincados meandros dos corredores, saias e guichês dos departamentos encarregados do aproveitamento das terras fértilíssimas limitadas ao norte pelo rio Piquiri (inclusive técnicos estrangeiros afirmam, segundo os moradores locais, estarem às margens deste rio as melhores terras do mundo), o Paraná a oeste e o Iguaçu ao sul. A região oeste do Paraná tem o formato aproximado de um triângulo com o vértice apontado para o mar, a cidade de Laranjeiras do Sul neste vértice. Guaiabá no ângulo norte e Foz do Iguaçu no ângulo sul.

Enquanto esperam o afilivo andamento dos papéis nas repartições curitubanas, os posseiros empunham a foice e a espingarda para trabalhar e defender a terra.

COLONIZAÇÃO

Indispensável para uma compreensão melhor do caráter agudo — a luta armada na maioria dos casos — da luta dos posseiros do oeste paranaense é referir alguma coisa de sua colonização. E, desde logo, salienta uma diferença básica entre o fenômeno na região e na maior parte da história das terras no Brasil: enquanto no país quase inteiro a divisão das áreas agrícolas é um remanescente direto da partilha em capitãis hereditárias, formadoras dos grandes latifúndios, com todos os seus restos feudais, o oeste do Paraná, cujo início de penetração coincide com os primeiros anos deste século, é

meçou a ser colonizado pela iniciativa particular de centenas e milhares de camponeses oriundos de outras paragens, de onde vieram perseguidos pelas inclemências geográficas e humanas dos locais de origem.

Entre parênteses, e mais como aspecto curioso, embora comprovatório deste tipo de colonização, pode-se até dizer que naquela região também há paranaenses, em que pese ter necessário procurar um pouco para encontrá-los. Há predominância do elemento de ascendência estrangeira, destacando-se os filhos e netos de polacos, alemães e italianos. Do lado brasileiro, muitos gaúchos, catarinenses e mineiros, os nordestinos começando a chegar mais recentemente e em menor número.

Ao encontrar terras devolutas e fértilíssimas — fixaram-se os homens, iniciando de pronto o aproveitamento da natureza, trabalhando-a. E dentro dos meios legais, requereram a posse definitiva do seu pequeno rincão, reclamando os títulos de oficials encarregadas de expedir-las. E ainda, o que é também uma característica local, propondo ao Estado a posse da terra por compra, aos preços mais em conta que o Estado oferecia para aquele tipo de terras.

Por volta de 1949, a região foi "descoberta" pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração. Começou então a grande corrida dos latifundiários e toda sua corte de misérrimas, iniciando-se as grandes bandalheiras, as negociações com os títulos, as perseguições por jagunços armados e financiados pelos latifundiários contra os posseiros há anos instalados na terra.

Tem-se, então, que enquanto a maioria dos camponeses do Brasil está agudamente empenhada em fazer uma reforma agrária que lhes permita a posse de uma parcela do solo, os posseiros do oeste paranaense estão empenhados, muito mais agudamente, em defender a terra que já possuem, em impedir que se realize um espécie de antireforma agrária, com a inversão do parcelamento da terra, a adição de suas parcelas para formar um todo pertencente a apenas um latifundiário. É fácil compreender que a luta assume um caráter bastante mais crítico, preferível a morte na troca de tiros à entrega do produto de anos de trabalho e sofrimento.

NEGOCIATAS

O mesmo pedacinho de terra rende alto para os responsáveis por sua distribuição. O posseiro, dono legítimo, vai à repartição e faz seu requerimento, pagando, pelo simples ato de encher um

formulário, o absurdo preço de mil cruzeiros, fora os selos. O funcionário encarregado de dar andamento ao processo joga fora o requerimento, avisando ao requerente que a primeira via se extraviou e que é necessário fazer uma segunda. Novamente a despesa. Depois de mais selos. Mais dinheiro para o funcionário de oneroso da Inspeção de Terras, mais dinheiro para as coletorias, com os selos. Deve-se salientar que a UGT (União Geral dos Trabalhadores de Cascavel) já fez cerca de 130 requerimentos sem cobrar nenhum centavo.

Essa é a bandalheira porca, miúda. A grande, mais prejudicial para os posseiros, é feita com a substituição dos seus títulos pelos comprados por grileiros. Os funcionários pegam as fichas dos lavradores, rasgam, e colocam em seu lugar uma nova, pela qual os latifundiários pagam gordas propinas, passando a possuir legalmente, definitivamente, a terra. Há casos de o mesmo lote ser titulado várias vezes, a oferta de um grileiro ultrapassando a do anterior.

Ficou famoso o ex-diretor do DGTC, Hugo Vieira, que fez uma fortuna fabulosa com essas trocas de títulos. E inúmeros são os casos de pequenos funcionários do Departamento, recebendo um salário mensal de seis mil cruzeiros, possuírem casa própria, automóveis, terras.

RESPONSÁVEIS

O que está havendo no oeste paranaense, agora com maior intensidade, sempre houve no Brasil inteiro. É a luta permanente dos camponeses — enfrentando as perseguições, os grilos, os caxixes — enquanto a reforma agrária não vem.

A responsabilidade dessa situação cabe inteiramente aos interessados na manutenção do latifúndio como forma de exploração da terra, com seus representantes influindo no Parlamento, na Igreja, nos poderes públicos, não hesitando em chegar ao homicídio, via de regra perdoado nos tribunais — homens ricos matando pobres camponeses — para garantir seus privilégios com a grande propriedade territorial.

No Paraná, o oeste descoberto recentemente, muito contribuiu para a atual situação crítica a presença de Moisés Lupion à frente do governo estadual, que permitiu e incentivou toda sorte de trapaceiras com as terras do Estado. Seu desembarço para tais negócios chegou ao ponto de grillar duas praças públicas em Curitiba. Ele e Ademair de Barros, que é um dos donos da SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná), uma das mais poderosas e violentas companhias que exploram a região, são famosíssimos pelos truques empregados na conquista de terras.

As terras devolutas, ocupadas pelos posseiros, estão sob a responsabilidade de três repartições oficiais: INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização), DGTC (Departamento de Geografia, Terras e Colonização) e Fundação Paranaense de Colonização e Imigração. Essas repartições dividem as terras em glebas (cada gleba com cerca de mil alqueires) e em lotes para atender aos pedidos dos requerimentos. Contudo, os lotes na prática não têm nenhum significado, pois as terras só são entregues, com títulos definitivos, aos que requerem glebas inteiros, mesmo que dentro de alguns lotes da gleba vendida haja famílias de posseiros já residente há muitos anos, sendo estes expulsos à balda pelo latifundiário que se apropriou da gleba.

UM GRILLO URBANO

João Zacarias, secretário da UGT, arranjou outra bicicleta, me emprestou a chave, e lá fomos, já com o equilíbrio derrapando na terra solta, visitar a sra. Assunta de Bonna, que em fevereiro deste ano foi violentamente atacada em sua propriedade situada dentro dos limites da cidade de Cascavel. É um exemplo típico dos processos citados acima.

— Eu fui muito julgada aqui. Chorosa, a sra. de Bonna recebeu-nos a princípio desconfiada e depois descrente da ajuda que poderíamos dar. Mulher triste, trêmula de voz e de corpo, o brilho de seus olhos — denotando sua grande vontade de continuar vivendo e defendendo seu pequeno rincão — é de uma pessoa na casa dos 40, embora na aparência geral dê a impressão de sexagenária.

— Compramos aqui o direito de posse de um lote, há treze anos, quando ainda era sertão. Em 1952, quando Cascavel passou a ser cidade, começaram a fazer medições na minha terra e a propriedade, que tinha vinte alqueires, agora tem só quatro.

— A terra está em seu nome? — Desde 1952 que eu tenho o protocolo na mão. Quis pagar as prestações na Inspeção do DGTC, mas eles não quiseram receber nunca sem deixar eu liquidar o negócio e ter o título definitivo.

A sra. de Bonna tem uma boa casa, pomar grande, horta potável, 5 vacas, galinhas e outras criações. Em 1956 o vereador Nelson Cunha, famoso grileiro da região, apareceu com o título, dizendo-se dono da propriedade. Antes que as coisas fossem esclarecidas, o grileiro vendeu a posse para dois outros, o dr. Peixoto e o dr. Pacheco. No dia 7 de fevereiro, apareceram dois oficiais de justiça, um agrimensor e seu ajudante, e mais três soldados de polícia, que foram invadindo a casa enquanto outros ficavam do lado de fora esperando.

— Eu estava doente, de cama, há cinco dias com duas visitas e meu filho de 13 anos em casa, quando eles chegaram. Pedi que voltassem outro dia, quando estivessem em casa meu filho mais velho e meu genro, mas não adiantou.

— A senhora é viúva? — Viúva diretamente não sou, não. O marido desertou, sei lá — respondeu com um gesto evasivo. — Acho que por isso também eles pensaram que eu não ia resistir. Vieram com mandado de despejo assinado pelo Juiz de Direito da Comarca, dr. Messias, me prenderam dentro do terreno; e me empurraram à força para a rua, dizendo que tinha de ser apurado na marra. Meu filho pequeno, Agenor, ficou furioso quando viu me arrastarem e quiseram abrir buraco no chão para enfiar palanque (mourão de cêra) e deu umas pauladas na cabeça do oficial de justiça, conseguindo fugir quando quiseram prender ele.

João Zacarias ajuda a lembrar os fatos: — Foram levando a sra. de Bonna a pé para a delegacia, que fica uns dois quilômetros distante. Um rapaz protestou e obrigou a que arranjassem condução. O povo da cidade protestou contra a prisão, fazendo pequenos comícios nas esquinas, organizou abaixo-assinado e usou um que médicos e advogados intervieram, sendo a sra. de Bonna solta no mesmo dia.

Depois de libertada, a senhora teve de passar cinco dias hospitalizada, com forte desnutrição física, e foi colocada em uma cama, já

abalado, bastante piorado. Na hora de irmos embora, a sra. de Bonna me perguntou: — Quanto é isso? — O que? — Não cobra nada pelo seu serviço? — Insistiu na oferta e eu na recusa. — Agora eu tenho mais fe — disse ela à guisa de agradecimento.



HUMILHADA E OFENDIDA

A sra. Assunta de Bonna foi vítima de uma tendo sido espancada, presa e roubada em série de humilhações e ofensas por parte dos posseiros de suas terras. Sentada em sua casa, grileiros e elementos da justiça de Cascavel, a imagem do desânimo.

São Cristóvão é o Lado Negro da Cidade do Turismo: Cabo Frio

Alberto da Cunha Andrade
Correspondente especial em Cabo Frio

Em Cabo Frio, cidade de lindas praias e de casas coloniais, de faróis legendários e fortalezas em ruínas, cidade que deixa o mundo turista embevecido pela sua beleza patriarcal, um bairro cresce em ritmo acelerado: é São Cristóvão (Cidade Nova), que tem hoje, aproximadamente, 500 casas proletárias, construídas com sacrifício pelos trabalhadores que, de qualquer maneira, logo as habitam, a fim de se livrarem dos escorchantes alugueis cobrados no município pelos senhorios gananciosos. São Cristóvão é o lado negro da vida da cidade. Onde não existe o mínimo conforto, e o povo é exposto às mais variadas formas de endemias, em face da não existência dos três ramos principais de serviços públicos: água, luz e esgotos. Os mais privilegiados economicamente conseguem construir poços artesanais para o seu consumo. Os demais são obrigados a viverem de latas às costas, impregnando um pouco de água para saciarem a sede de seus filhos.

AS PROMESSAS

Os moradores do bairro forçaram, certa feita, uma reunião com membros dos poderes executivo e legislativo. Na ocasião houve promessas de todos os tipos, e, dentre elas, o compromisso da colocação de "bicas d'água". Até hoje a população as espera.

Durante a noite o povo se locomove aos atropelos e às quedas, devido ao esburacamento total em que se encontram as ruas.

Em torno do problema da luz, cuja solução é insistentemente reclamada pelo povo, é grande a demagogia: até o governador Celso Peçanha entrou na roda das promessas. Apesar disso, continuam esperando.

MEDES DE MORAIS, CHIANG-KAI-CHEQUE E MUSSOLINI

De volta da Ilha Formosa (Taiwan), onde esteve a convite de Chiang-Kai-Cheque, o marechal Angelo Mendes de Moraes descreveu para "O Globo" as impressões que lhe ficaram da visita. Segundo o marechal Mendes de Moraes, Quemô e Matsui estão o exército mais forte da Ásia, cujos soldados não investem contra o continente porque os americanos os contêm, mas, se investissem, teriam condições para vencer o exército comunista. Empolgou-se o marechal, sobretudo, com a aviação da camarilha de Chiang-Kai-Cheque, considerando-a "a mais moderna" de toda a Ásia.

Não nos daremos ao trabalho de discutir o mérito das declarações do marechal Mendes de Moraes, é evidente. Mas queremos chamar a atenção dos nossos leitores para o fato de que, alguns meses antes da última guerra mundial, o sr. Mendes de Moraes esteve de visita à Itália fascista, de onde regressou em janeiro de 1939. Naquela ocasião, "O Globo" exatamente o mesmo jornal de agora — publicou as impressões do sr. Mendes de Moraes. Pode-se ler no "O Globo" de 20.1.1939: "Empolgado com a aviação italiana, o chefe da Missão Militar Brasileira coronel Mendes de Moraes confessou o seu entusiasmo a Mussolini". E, logo em seguida, o jornal transcreve a opinião do sr. Mendes de Moraes — exatamente o mesmo de agora — segundo a qual, depois de ter visto a aviação italiana fascista não precisava ver mais nada em matéria de técnica aeronáutica...

gotos. Bairro em franco e acentuado crescimento, São Cristóvão tem seus escomentos sanitários feitos por mecanismos obsoletos, o que contribui para a contaminação da água servida pelos seus moradores.

RIO E DESERTO

Em épocas de chuvas e que o sofrimento do povo salta aos olhos de todos com maior nitidez. As casas, em sua maioria, ficam alagadas. As ruas ficam intransitáveis e muitos moradores constroem pontes para poderem entrar em suas residências. Como solução de emergência o prefeito manda abrir lençóis voários, os quais transformam-se em perigosos focos de mosquitos e pernilongos de mortíferas picadas.

O bairro é arenoso e como tal em épocas de ventos, muito constantes, não se pode transitar pelas ruas e as janelas e portas das casas são obrigadas a permanecerem fechadas. A solução é o atêrro das ruas, que até hoje não veio, apesar das promessas existentes.

CACARECO

No momento surge um problema cuja solução depende, em muito, do dinamismo da diretoria do Centro Rio-Melhoramentos local, que pode e deve incrementar suas atividades no sentido de lutar para que o povo não continue a ser explorado e maltratado como tem sido, inclusive pela falta de interesse de determinados cidadãos que nada vêem além da oportunidade de abençoar lucro fácil. Trata-se da questão do transporte coletivo. É que os proprietários da Viação São Cristóvão não dão a menor atenção ao apoio que receberiam do povo para a conquista da concessão para explorar a linha. Os ônibus (chamados pelo povo de "cacarecos" são imprestáveis e não cumprem horários certos, partindo dos pontos iniciais e finais quando bem entendem os motoristas. Isto é, de acordo com as conveniências dos proprietários. Estes, acima de tudo, manobram com a bolsa do povo, aumentando o preço das passagens ao seu inteiro sabor.

CENTRO É TRINCHEIRA

A população do glorioso bairro vem lutando com bravura pela solução dos seus problemas, principalmente através do Centro Rio-Melhoramentos, seu órgão de sua trincheira invulnerável, cuja diretoria, integrada por elementos responsáveis e interessados em trabalhar em benefício de São Cristóvão, tudo tem feito para a conquista dos melhoramentos que os populares reclamam. Já a diretoria passada do Centro também se tinha imposto pelo trabalho, inclusive construindo a sede própria da organização (verdadeiro orgulho da população local), para a qual em muito contribuiu a boa vontade do prefeito que pôs à disposição da sociedade parte do material de construção utilizado.

DEZ REPRESENTANTES SEUS A DIVERSAS ZONAS DO ESTADO.

De acordo com o que nos disse o sr. José Leandro Bezerra, a FALTAC espera reunir a cerca de quarenta camponeses delegados camponeses em Fortaleza, vindos de Cariri, Igatu, Quixadá, Serra de Iguatire, Seta Grande, Aracatiaba, Aracati, Maranguape e outros pontos do Ceará.

GRANDE PASSEATA

No dia do encerramento do I Congresso Camponês do Ceará será realizada uma grande passeata pelas ruas centrais de Fortaleza. Centenas de trabalhadores do campo, empunhando as suas enxadras, formarão o primeiro bloco desse impressionante desfile. Outros dois blocos marcharão na passeata, constituídos por estudantes e operários.

BRIZOLA, JULIÃO, MAURO BORGES

A Comissão Organizadora do Congresso dirigiu convites a numerosas personalidades da vida pública brasileira para que venham a Fortaleza assistir à sessão de encerramento. Entre essas personalidades encontram-se os governadores Leonel Brizola e Mauro Borges e o deputado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas de Pernambuco.

A fim de convidar especialmente a todos os camponeses de todos os Estados do Brasil para se comunicarem com o Sindicato da Guanabara — Rua Senador Pompeu, 122, segundo andar — para coordenar a efetivação do conclave.

Encontra-se no Estado da Guanabara o líder sindical Washington José de Sousa, presidente do Sindicato de Oficiais Eletricistas e Trabalhadores na Indústria de Instalações Elétricas, Gás, Hidráulicas e Sanitárias de Salvador, que veio tratar com seus companheiros cariocas da realização da I Conferência Sindical Nacional da categoria, essencial para a solução de vários problemas.

A realização do encontro nacional e antiga aspiração dos trabalhadores da categoria, que não vêem uma das melhores maneiras de alcançar os meios de melhorar as condições de trabalho e remuneração, precariz-

mas entre a maioria dos electricistas. Os trabalhadores bairanos da categoria (que foram os primeiros a parar e sair para as ruas por ocasião da última crise política de encaminhar o encerramento da Brasília — onde esteve com o presidente João Goulart e o ministro do Trabalho — ao Rio de Janeiro o seu presidente Washington José de Sousa).

LÍDER SINDICAL BAIANO NA GUANABARA: I CONFERÊNCIA NACIONAL DE ELETRICISTAS

Encontra-se no Estado da Guanabara o líder sindical Washington José de Sousa, presidente do Sindicato de Oficiais Eletricistas e Trabalhadores na Indústria de Instalações Elétricas, Gás, Hidráulicas e Sanitárias de Salvador, que veio tratar com seus companheiros cariocas da realização da I Conferência Sindical Nacional da categoria, essencial para a solução de vários problemas.

ENVIADOS DA FALTAC AO INTERIOR

Com o objetivo de assegurar uma efetiva participação de suas filiadas e de numerosas outras organizações camponesas existentes no interior cearense, a diretoria da FALTAC enviou mais de

SOLIDARIEDADE OPERÁRIO-ESTUDANTIL

A Comissão Organizadora do Congresso, constituída pelos srs. José Leandro Bezerra, secretário-geral da FALTAC; Moisés Pimentel, presidente da Federação do Comércio Atacadista do Ceará; José de Moura Belezza, presidente do Sindicato dos Bancários; deputado Ponte; e Manoel Aguiar de Arruda, presidente da União Estadual dos Estudantes, está desenvolvendo grande atividade a fim de assegurar o absoluto êxito da reunião.

ALIAS, JÁ SE PODE CONSIDERAR VITÓRIA A INICIATIVA DA FALTAC, DESDE QUANDO ELA CONTOU COM O APOIO DECIDIDO E IRRESTRITO DOS OPERÁRIOS E ESTUDANTES DE FORTALEZA, OS QUAIS SE MOBILIZARAM RÁPIDAMENTE PARA EMPRESTAR SUA COLABORAÇÃO AO CONGRESSO DOS CAMPOENSES.

Assim é que o Manifesto de Convocação foi assinado pelas figuras mais expressivas e dinâmicas dos movimentos operário e estudantil do Ceará.

Na histórica assembleia em que decidiu dar toda a colaboração ao Congresso dos camponeses, o Pacto de Unidade Sindical do Ceará assegurou, imediatamente, o alojamento para 70 delegados.

Por sua vez, o acadêmico Manoel Arruda, presidente da UEE, tomou providências para que o Clube do Estudante Universitário (CEU) cedesse suas amplas dependências para a realização do Congresso.



Greve em S. Leopoldo: vitória completa

SÃO LEOPOLDO — (do Correspondente) — Os trabalhadores da borracha de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, realizaram uma greve por aumento de salários, nos dias 4, 5 e 6 de outubro. É a primeira greve, depois de muitos anos, nesta cidade industrial próxima a Porto Alegre, situada no coração do chamado Vale do Rio dos Sinos, zona de colonização alemã, hoje transformada numa das principais concentrações operárias do Estado, especializada em indústrias do couro, calçado, metalúrgica e da borracha.

O movimento revelou uma surpreendente combatividade dos trabalhadores, especialmente da fábrica Borbonite. A greve foi realizada dentro de um dissídio conhecido — Decreto-Lei 9.070. Os trabalhadores foram bem esclarecidos de que esta lei é antiooperária e limita o direito de greve, mas que era possível, também, aproveitá-la para esta luta por aumento de salário. A greve foi praticamente total, nas empresas que votaram pela greve (o que não aconteceu em algumas pequenas fábricas), os piquetes funcionaram com eficiência e os patrões não tiveram outro recurso senão o de aceitar um substancial aumento de 35% sobre o salário de 31 de dezembro de 1960 (após o salário mínimo de Cr\$ 8.000,00), quando queriam apenas conceder um aumento de 30% sobre os salários de 18 de agosto de 1960 (média: Cr\$ 6.600,00).

Aspecto decisivo da luta foi a solidariedade dos demais sindicatos, que se preparavam inclusive para uma greve geral, caso persistisse a intransigência patronal. A fotografia mostra a passeata dos grevistas, encabeçada por membros da inter-sindical e diretores dos demais sindicatos.

80 Mil Bancários Cruzam os Braços em 15 Estados: Greve Por Aumento de Salários

Com uma greve geral que atingiu 15 Estados da Federação, mais de 80 mil bancários brasileiros responderam ao criminoso desprezo que os banqueiros manifestaram ante as justas reivindicações da categoria.

O movimento paredista iniciou-se a zero hora do dia 17 do corrente, na cidade de Niterói, capital do Estado do Rio, onde os bancários reivindicavam um aumento geral de 10 mil cruzeiros mensais. Logo depois bancários de 30 municípios fluminenses, entre os quais Campos, Volta Redonda, Barra Mansa, Petrópolis e Nova Friburgo, aderiram à greve.

No mesmo dia que se iniciou a greve no Estado do Rio, os 30 mil bancários cariocas decretavam a greve geral, a partir de zero hora do dia 18, em defesa das seguintes reivindicações:

- 1) Aumento geral de 50% com um mínimo de Cr\$ 10.000,00;
- 2) aumento de 200 cruzeiros por ano de serviço;
- 3) fixação do salário profissional com os seguintes mínimos iniciais: a) Cr\$ 16.000,00 para o pessoal de Portaria e afins e b) Cr\$ 20.000,00 para os demais funcionários;
- 4) Cr\$ 5.000,00 como adicional mínimo para os ocupantes de cargos em comissão;
- 5) vigência por um ano, a partir de 1 de setembro de 1961;
- 6) pagamento dos dias parados e nenhuma punição por motivo da greve.

INTRANSIGÊNCIA

Durante dois meses os bancários cariocas utilizaram-se de todos os recursos para conseguir um acordo amistoso com os banqueiros, visando a conquista de uma reivindicação muito modesta, consubstanciada num aumento de 50% sobre todos os salários até 10 mil cruzeiros e mais 25% sobre o excedente dessa quantia e um adicional de 200 cruzeiros por ano de serviço. Os banqueiros permaneceram insensíveis às reivindicações dos seus empregados. Mesmo depois de o governo haver decretado um aumento de 40% no salário mínimo, o Sindicato de Bancos insistia em conceder-lhes apenas um aumento de 30%.

Pacientes, mas decididos a conquistar um reajustamento salarial capaz de assegurar-lhes um nível de vida digno e compatível com as funções que exercem, os bancários cariocas, numa assembleia-monstro realizada na noite do último dia 18, no Automóvel Clube do

Brasil, ainda ofereceram uma oportunidade para um acordo amigável, dando um prazo de três dias aos banqueiros para que aceitassem os termos do acordo proposto. Caso contrário iriam à greve, a partir de zero hora do dia 18, em defesa de uma proposta atualizada, superior, portanto, a que antes reivindicavam. Os banqueiros voltaram as costas a essa nova chance, e a greve foi decretada e executada com uma unanimidade impressionante.

REAÇÃO EM CADEIA

A intransigência dos banqueiros não foi um fenômeno local. Em todos os Estados onde os bancários lutavam pela renovação do acordo, o fato se repetiu. Insensíveis ao clamor dos seus empregados, os banqueiros, os grandes beneficiários da inflação, e os depósitos de lucros fabulosos, insistiam em humilhar a categoria com a oferta de salários aviltantes. O desprezo dos banqueiros pela sorte dos seus empregados levou os bancários a uma reação em cadeia, que empolgou todo o país.

A greve iniciada pelos heróicos bancários fluminenses, na manhã do dia 17, estendeu-se no dia seguinte ao Estado da Guanabara, onde 116 sedes de banco e 400 agências bancárias permaneceram de portas cerradas. Logo depois, decisão semelhante era adotada pelos bancários dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas, Paraná, Santa Catarina, Goiás e São Paulo. Neste Estado paralisaram as agências do Banco do Brasil e Banco da Amazônia, na capital e em vários municípios do interior, inclusive os do ABC. Os funcionários do B.B. de S. Luiz do Maranhão aderiram também à greve.

ORGANIZAÇÃO

Desde 1946 que os bancários brasileiros não realizavam uma greve. As reivindicações salariais da categoria eram resolvidas por acordos, quase sempre insatisfatórios. Os bancários do interior limitavam-se, de um modo geral, a aguardar o desfecho das lutas dos seus colegas cariocas. Estes, por outro lado, ainda descrentes de sua própria capacidade de luta, preferiam aceitar pequenos reajustes, em bases conciliatórias.

Dessa vez os bancários mudaram de conduta. A Confederação Nacional dos Bancários, reunida com os representantes da classe de todo o País, baixou orientação recomendando que cada sindicato tomasse a in-

iciativa da luta, elaborando as suas próprias tabelas de reivindicações, em comum acordo com o seu quadro social, e levando em conta as peculiaridades de cada setor. A mobilização da classe começou com a luta por um abono salarial de emergência, na qual os bancários de cada estabelecimento levavam diretamente suas reivindicações aos banqueiros. Já não era apenas a CONTEC que passava a iniciativa, mas sim os próprios sindicatos, eram estes que transferiam a iniciativa aos seus associados.

povo da justiça dos movimentos reivindicatórios das massas assalariadas, mas, sobretudo, a ampla campanha de esclarecimentos que realizaram, salientando a insignificância dos seus salários e os fabulosos lucros dos banqueiros. Todo o povo carioca passou a saber que 70% dos chamados "proletários de gravata" ganhavam salários inferiores a 14.100,00 cruzeiros, enquanto o Banco da Lavoura registrava, no ano de 1960, um lucro de 816 milhões de cruzeiros, correspondente a



GREVE ATIVA

A greve dos bancários não se limita ao abandono puro e simples dos locais de trabalho. Conscientes de que só a luta decidida poderá trazer a vitória completa, dia a dia

renovam-se as manifestações, com passeatas, concentrações, comícios e outras formas de tornar públicas as suas necessidades e as injustiças de que são vítimas

truções. Toda a sua ação se desenvolvia nas ruas, principalmente às portas dos bancos.

SOLIDARIEDADE

Desde o primeiro momento da greve os bancários tiveram a solidariedade dos trabalhadores cariocas e de todo o País. Líderes de marítimos, portuários, ferroviários e estivadores, logo que tiveram conhecimento da ameaça do chefe de Polícia de praticar violência contra os bancários, procuraram o governador da Guanabara, a quem declararam que se abstivesse de cometer qualquer atitude arbitrária contra o justo movimento reivindicatório dos seus companheiros bancários, a fim de evitar a eclosão de uma greve nacional de protesto contra o cerceamento do direito de greve. Manifestações dessa natureza se verificaram em todo o País.

A Federação Sindical Mundial, em nome de seus 120 milhões de filiados, endereçou a CONTEC um telegrama de solidariedade a greve dos bancários. Telegrama idêntico recebeu a CONTEC da CADEB (Confederação Americana de Bancários) e de outras entidades de bancários da América Latina.

OS LÍDERES

Liderados por uma equipe de homens inteiramente dedicados aos interesses da classe, combativos e plenamente conscientes de seus deveres para com a coletividade que representam, puderam os bancários cariocas e de todo o Brasil enfrentar com êxito a poderosa organização dos banqueiros, que tentou impor condições aviltantes para a assinatura dos novos acordos

salariais com os bancários. Os líderes souberam se colocar à altura da dignidade e da disposição de luta dos grandes dessa campanha vitoriosa encontrando-se todos os diretores da CONTEC, notadamente Huberto Meneses Pinheiro, Armando Ziller, Luís Viegas da Mota Lima, Hernildo Gomes de Almeida, José Pereira, Gerardo Magalhães e Casmildo Stafford. Na Guanabara, Antônio Pereira da Silva Filho, Aluizio Falhano, Baccelar Couto, Olimpio Fernandes de Mello, Irló Lima, Francisco Montezuma e Antônio Vieira Campos foram os grandes comandantes da campanha vitoriosa, que restituiu aos bancários a confiança nas suas próprias forças e reforçou-lhes a consciência de que organizados em torno de suas entidades de classe poderão conquistar maiores vitórias, não só na luta pela solução dos seus problemas específicos, mas pela solução dos graves problemas das massas assalariadas de um modo geral, dentre os quais se encontra o da elevação crescente do custo da vida. Sentiram os bancários que não estiveram sôzinhos nessa luta. Com eles estavam os trabalhadores de todas as demais categorias profissionais, que tendem a unir suas forças para conseguir a melhoria do seu padrão de vida, não através de simples lutas por reajustamentos salariais, mas da conquista de reformas de base no país, da mudança da política econômica do governo, da promoção da reforma agrária, da limitação da remessa dos lucros para o exterior, da nacionalização das empresas concessionárias dos serviços públicos, da intervenção nos frigoríficos estrangeiros, enfim, de medidas capazes de assegurar a emancipação econômica do País, de evitar a violenta onda inflacionária e de garantir maior participação dos trabalhadores na renda nacional.



ADEREM OS PAULISTAS

A greve dos bancários da Guanabara foi o estopim para o grande movimento paredista que se desencadeou entre os funcionários dos estabelecimentos de crédito no Brasil.

Milhares de bancários foram mobilizados nessa preliminar da campanha, durante a qual foram reforçadas as comissões sindicais de banco, que viriam a ser os sustentáculos da greve vitoriosa que se estendeu a quase todo o País, sob a coordenação da Confederação e das Federações de Bancários.

PROPAGANDA

Os bancários conquistaram a simpatia popular para a sua causa. Isso se deveu não só à compreensão do

um aumento de 62% sobre os lucros do ano anterior. A relação dos lucros fabulosos de todos os demais bancos foi amplamente distribuída evidenciando o contraste chocante entre a situação de penúria dos bancários e a excessiva riqueza dos banqueiros.

Bancário, o jornal da classe, circula diariamente, a partir do dia 17, contendo farta ilustração, divulgando as ações de massa dos bancários em todos os Estados e a orientação do comando geral da greve. O jornal ro-

São Paulo, de onde a foto mostra uma manifestação, foi um dos primeiros Estados a aderir.

da pela madrugada e entre cinco e seis horas da manhã chega às mãos dos grevistas, contendo o noticiário completamente atualizado, dando "furos" diários nos grandes matutinos e vespertinos que se editam na Guanabara.

OS PIQUÊTES

Na mesma noite que foi decretada a greve geral, os bancários cariocas dirigiram-se à sede do seu Sindicato, onde foram constituídos os piquêtes de paralisação e de propaganda. Os

piquêtes fixos, em número de 38, compunham-se de um mínimo de 30 bancários. Além dos piquêtes fixos, que tinham sob sua guarda uma área pré-estabelecida, funcionavam dezenas de piquêtes volantes, encarregados de percorrer as pequenas agências, situadas em lugares distantes.

OS JOVENS

Atuação destacada tiveram os rapazes e as moças na greve total dos bancários cariocas. Com o entusiasmo e a combatividade natural dos jovens, eles se destacaram nos piquêtes, tomando as mais variadas iniciativas, contribuindo para o êxito da greve. Não havia um piquête sequer que não contasse com a participação de inúmeras jovens bancárias. Num desafio irreverente a uns poucos lambes-solas que pretenderam "furar" a parede, uma bela jovem colocou-se a frente da porta do Banco Delamarre, com um cartaz cobrindo-lhe todo o busto, no qual salientava: "Eu visto saia e estou em greve. E você?". Defronte ao London Bank, um outro grupo de jovens armou uma "dragoflex" e uma barraca de praia, para melhor conforto do piquête. Na sede do Banco do Brasil, uma enorme fila de bancários circulava ininterruptamente em torno do edifício, desde às primeiras horas da manhã até às 17 horas da tarde, já que a polícia não permitia o estacionamento do piquête. As portas de todos os estabelecimentos de crédito mantinham-se cobertas de cartazes alusivos às reivindicações dos bancários e de críticas, impregnadas do espírito carioca, aos banqueiros. Na noite do dia 20, quando se instalou o III Encontro Sindical Nacional, mais de 15 mil bancários, acompanhados de suas esposas e filhos, realizaram uma passeata-monstro pelas ruas da cidade, sob manifestações de simpatia e de carinho da população. Dezenas de outras passeatas foram realizadas. Os bancários não ficavam na sede do seu Sindicato. Lá, eles só compareciam para receber ins-



ASSEMBLÉIA DECISIVA

A foto é de um aspecto parcial da grande assembleia do dia 17, no Automóvel Clube, quando os bancários cariocas deflagraram a greve que já entrou em sua segunda semana de duração



BANQUEIRO-GOVERNADOR MANDA POLÍCIA

O governador e banqueiro Magalhães Pinto — dono do Banco Nacional de Minas Gerais, um dos maiores do país — colocou milhares de sol-

dados embaçados nas ruas de Minas Gerais para intimidar os grevistas. Estes, porém, mantiveram-se firmes e, como se nota na foto, pro-

moem manifestações às portas dos estabelecimentos sem dar a mínima importância aos policiais.

NOVOS RUMOS